



ORGANIZAÇÃO
MARCELO OLIVEIRA DA SILVA

NARRATIVAS PIBIDIANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



editora **BESTIÁRIO**



ORGANIZAÇÃO
MARCELO OLIVEIRA DA SILVA

Este livro foi criado a partir das experiências durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) núcleo Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, ciclo 2022/24.

NARRATIVAS PIBIDIANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Todas as fotos são do nosso acervo pessoal e possuem direitos de autoria. Não é permitida a reprodução sem prévia autorização.

Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2024: Marcelo Oliveira da Silva, organização.

Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial

Antonio David Cattani

Claudio Vescia Zanini

Daniela Pinheiro Machado Kern

Demetrius Ricco Ávila

Elaine Barros Indrusiak

Jéferson Assunção

Karina de Castilhos Lucena

Luciana Wrege Rassier

Pedro Demenech

Todas as imagens apresentadas neste livro foram produzidas pelxs autorxs e pertencem a seus acervos pessoais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

N234 Narrativas Pibidianas na Educação Infantil [recurso eletrônico]
/ organizado por Marcelo Oliveira da Silva. - Porto Alegre : Bestiário,
2024.

300 p. ; PDF ; 52,7 MB.

ISBN: 978-65-6056-065-9 (Ebook)

1. Educação Infantil. 2. Ensaios. I. Silva, Marcelo Oliveira da.
II. Título.

2024 -1529

CDD 372.21

CDU 372.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21

2. Educação infantil 372.3



Este livro é dedicado a todas as pessoas que fizeram e fazem parte do Pibid.

AGRADECIMENTOS

Nosso muito obrigado às Escolas de Educação Infantil que nos acolheram e a todas as profissionais que fazem parte das equipes das EMEIs Mário Osório Magalhães, Jacema Prestes e Érico Veríssimo.

E aos colegas professores envolvidos com o Pibid na UFPel, especialmente, nosso obrigado ao nosso coordenador institucional Francisco, que prontamente sanava nossas dúvidas e que orientou todo o processo com muita dedicação, aos colegas Caroline e Antônio Maurício, que foram parceiros nessa jornada. Nosso obrigado mais que especial a todas as crianças que participaram das nossas propostas, ouviram nossas histórias, brincaram com a gente e auxiliaram na nossa construção como professoras da Educação Infantil.





criança



brinca
cria



inventa
imagina



Pibid
NÚCLEO EDUCAÇÃO INFANTIL

tem
direitos

aprende
por
si



é
uma
pessoa

tem
culturas



SUMÁRIO

INICIANDO A NARRATIVA p. 15

Marcelo Oliveira da Silva

PIBID E PIBIDIANAS NA ESCOLA EM MOVIMENTO p. 31

Jeane dos Santos Caldeira

Cíntia Rosa de Oliveira

EXPERIÊNCIA DO PIBID NA EMEI ÉRICO VERÍSSIMO p. 40

Bruna Mendes Rosa

RELATO DE EXPERIÊNCIA AO RECEBER AS BOLISTAS DO PIBID p. 46

Camila Cardoso Neves

Andréia Lourenço Bloedorn

Francine de Vargas da Silva Mesquita

CONTEXTOS BRINCANTES p. 59

BRINCANDO COM DINOSSAUROS p. 63

Sthefanie Lautenschlager Peverada

PULSEIRAS DA NATUREZA p. 67

Vanice Valim Garcia

ESTAMPARIA E BEBÊS p. 70

Evelyn M. Pinheiro

MÃO NA MASSA p. 74

Lívia Oliveira da Rosa

JARDIM SENSORIAL p. 78

Kethlen Oliveira



REFLEXOS NUM DIA DE SOL p. 82

Hellen Bichet Soares

EXPLORANDO A NATUREZA p. 87

Etiane Messa Valério

O BERÇÁRIO VISITA O MATERNAL II p. 91

Rafaela Lemos da Luz Furtado

DESCOBRINDO OS REFLEXOS p. 95

Isadora Cruz Santos dos Santos

EXPLORANDO AS CORES: DESCOBERTAS NO BERÇÁRIO p. 98

Alessandra Aparecida Pereira dos Santos

AVENTURA ARTÍSTICA: CRIAÇÃO DE TINTAS p. 104

Michele Helena Siefert

VAMOS FAZER ARTE? p. 108

Gerusa Bohlke Pinto Souza

CORES E FORMAS p. 112

Rayane Rodrigues Fritz

QUE SOM É ESSE? p. 115

Luiza Novack Ribeiro

COLORINDO NOSSA MANHÃ p. 117

Nathalia Coimbra Lemons

NOSSA SALA COLORIDA p.123

Cristhielen Boeira Ribeiro



MODELANDO BRINCADEIRAS p. 126

Márcia Eliane Oliveira

EXPLORANDO A MADEIRA p. 129

Emyly Jordana Cunha Costa

A PINTURA GIGANTE p. 1305

Vitória Nunes dos Santos

UMA MANHÃ CONGELANTE p. 139

Gabriela Novack

UM CESTO E TANTO p. 143

Cilara Braga Gregório

SEMÁFORO MUSICAL p.147

Lara Martins

NOSSAS LEITURAS p. 150

UMA MANHÃ MUITO COMILONA p. 152

Sthefanie Lautenschlager Peverada

Márcia Oliveira

CELEBRANDO A DIVERSIDADE p. 160

Fernanda Silveira

JACARÉ SIM OU JACARÉ NÃO? p. 160

Kethlen Oliveira

LITERATURA É IMAGINAÇÃO p. 163

Márcia Eliane Oliveira

TRÊS MENINAS NEGRAS p. 166

Etiane Messa Valério

CONHECENDO O MONSTRO p. 169

Evelyn M. Pinheiro



LIVROS SÃO PARA TODAS AS IDADES p. 173
BRINCAR É VIDA E A INFÂNCIA COLORIDA p. 175
Isadora Cruz Santos dos Santos

DE QUEM É ESSE PUM? p. 178
Gerusa Bohlke Pinto de Souza

KEVIN É UMA PRINCESA p. 182
Michele Helena Siefert

HUM, QUE GOSTOSA ESSA LEITURA! p. 184
Luíza Novack Ribeiro

QUANTA ÁFRICA! p. 188
*Nathalia Coimbra Lemons
Lara Martins*

QUANTA CAIXA! p. 192
*Evelyn M. Pinheiro
Cristhielen Boeira Ribeiro*

É BOM SER DIFERENTE! p. 196
Luara Bianchini

UTILIDADES DE UM PATINHO p. 199
Cristhielen Boeira Ribeiro

MUITOS BICHOS COLORIDOS p. 203
Emyly Jordana Cunha Costa

ASSADO OU ASSIM? p. 206
Rayane Rodrigues Fritz

UMA HISTÓRIA ESPINHUDA p. 208
Raquel Sanches

UMA HISTÓRIA SOBRE COCÔ p. 210
Cilara Braga Gregório



MINI-HISTÓRIAS p. 213

SOB LUZES BRILHANTES, EM CORES VIBRANTES, DANÇAS QUE
ENCANTAM EM FELICIDADES CONSTANTES p. 215

Sthefanie Lautenschlager Peverada

CONSTRUINDO ARTE NO BERÇÁRIO p. 217

Fernanda Silveira e Gerusa Sousa

O TREM COM BUZINA p. 218

Vanice Valim Garcia

TELEFONE SEM FIO p. 219

Lívia Oliveira Rosa

O MONSTRO VERDE E A EXPRESSÃO ESPANTADA p. 220

Kethlen Oliveira

SERÁ QUE CABE? p. 223

AS LOUÇAS E O PÃO DE TORRE p. 224

BOLO DE BOLINHAS p. 225

Rafaela Lemos da Luz Furtado e Gabriela Novack

FANTASMAS p. 226

Izadora Meyer, Lara Martins e Nathalia Lemons

O PENTE p. 227

QUER UM PIRULITO? p. 228

Hellen Bichet Soares

O LENÇO p. 229

AS TORRES QUE DESMORONAM p. 230

O BRACELETE DA NATUREZA p. 231

Emyly Jordana Cunha Costa



VENDO O BERÇÁRIO DE UMA NOVA ÓTICA p. 232

DIA DE CABELEREIRO p. 233

Luara Bianchini

DIA DE VISITA p. 234

Evelyn M. Pinheiro e Cristhielen Boeira Ribeiro

VALENTINA E OS CDS p. 235

Luiza Ribeiro

IDEIAS NA MANHÃ DO MATERNAL 2 p. 236

Gabriela Novack

DIA DE SOL E PICOLÉ p. 237

Cristhielen Boeira Ribeiro

EU SOU UMA GALINHA p. 238

A FAMÍLIA DAS CONCHAS p. 239

Isadora Cruz Santos dos Santos

O PEQUENO JARDINEIRO p. 240

Michele Helena Siefert

ESSA DANÇA EU QUERO DANÇAR p. 241

Márcia Eliane Oliveira

O RESGATE p. 242

Rayane Rodrigues Fritz

DOIS JOAQUINS? p. 243

Cilara Braga Gregório

AS CAIXAS DE MADEIRA p. 244

Vitória Nunes dos Santos



RELATOS p. 246

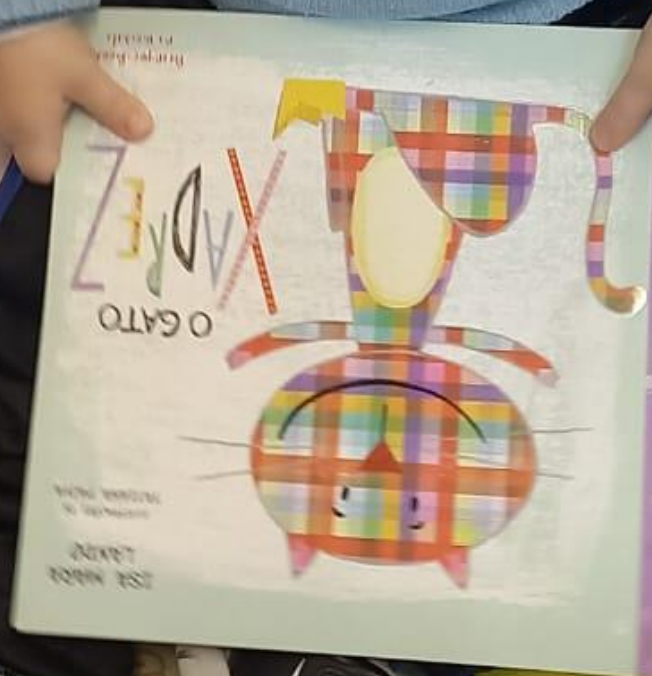
RELATO 1: PRÁTICAS NO BERÇÁRIO E NO MATERNAL p. 248
Sthefanie Lautenschlager Peverada

RELATO 2: PRÁTICAS NO PRÉ p. 277
Isadora Cruz Santos dos Santos

HORA DE ENCERRAR p. 288
Marcelo Oliveira da Silva



Sempre que aparecer um livro infantil, traremos a referência completa.



INICIANDO A NARRATIVA

Marcelo Oliveira da Silva

Esta obra é resultado de nossas experiências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Nosso núcleo de Educação Infantil iniciou com um grupo de alunas bolsistas, uma professora supervisora e uma Escola Municipal de Educação Infantil, a Mário Osório Magalhães. Com os ajustes que aconteceram no programa, a partir de 2022, outras duas escolas foram selecionadas para fazer parte do Pibid Educação Infantil da Universidade Federal de Pelotas: a EMEI Jacema Prestes e a EMEI Érico Veríssimo. Dessa forma, nosso núcleo ficou completo.

Neste livro está uma amostra do trabalho realizado pelas 24 bolsistas e as 4 voluntárias sob a orientação das professoras Jeane Caldeira, Bruna Mendes e Camila Neves e minha coordenação.





Esse primeiro período no qual atuei no Pibid foi de grande aprendizagem para mim. Mesmo sendo professor de estágio na Educação Infantil, não havia tido tantas orientandas assim como no Pibid. Cada uma das bolsistas com suas particularidades, anseios, demandas, mas todas com desejo de se tornarem professoras de crianças e conhecerem as culturas infantis.

Entender que é muito difícil que o planejado aconteça exatamente da mesma forma na prática, serviu para que as pibidianas adquirissem o jogo de cintura necessário para lidar com os imprevistos do cotidiano das escolas. Acredito que estar no chão da escola é o grande aprendizado do Pibid.

Estudamos sobre os brinquedos não brinquedos (Anna Carolina Ferreira; Camila Daniel; Georgia Malavolta; Marcelo Oliveira da Silva, 2022), sobre os usos e transformações dos espaços (Giulio Ceppi; Michele Zini, 2013; Beatriz Trueba Marcano, 2022) sobre a arte contemporânea na Educação Infantil (Suzana Rangel Vieira da Cunha, 2021) e mini-histórias (Reggio Children, 2020).

Esses e outros estudos que realizamos durante os meses de Pibid embasaram nossas práticas com as crianças.



Nossa rotina pibidiana consistia em reuniões semanais para estudos e compartilhamento de experiências na Universidade e uma intervenção semanal das duplas ou trios nas respectivas turmas nas EMEIs.

As intervenções das bolsistas nas turmas partiam da brincadeira livre e heurística com os brinquedos não brinquedos e atravessadas pelo viés da arte e da literatura. Por brincadeira livre entendemos que é aquela que tem a menor participação do adulto possível. Nosso papel é pensar os materiais e organizá-los para que as crianças brinquem livremente.

No momento da brincadeira permitimos que as crianças façam suas descobertas, o que significa utilizar o princípio o brincar heurístico. Mesmo que nós saibamos, por exemplo, que uma bobina encaixa na outra não demonstramos para as crianças que isso é possível.

As crianças descobrem naturalmente e cabe a nós narrar e comemorar essas descobertas. Sem retirarmos o lugar da brincadeira orientada pelo adulto, entendemos e defendemos a importância do criar, do imaginar das crianças e respeitamos esses momentos de descoberta do que é possível fazer com aqueles materiais.



Já os brinquedos não brinquedos (materiais não estruturados) são objetos do uso cotidiano que não foram pensados para serem brinquedos. Os brinquedos não brinquedos são essencialmente de cinco categorias. A primeira delas é o material de descarte: potes, bobinas, rolos, canos, embalagens compõem essa categoria. A segunda é dos objetos do cotidiano dos adultos, mas que, geralmente, não estão à disposição das crianças, como as formas, panelas, colheres, pinceis, espelhos e outras tantas. A terceira categoria é aquela dos objetos da natureza ou feitos de materiais naturais, por exemplo, os retalhos de madeira, sementes, pinhas, gravetos, cestos de palha, folhas secas...



A quarta categoria é a dos materiais da arte: giz, lápis, carvão, tintas... A última categoria é a dos brinquedos que são abertos, aqueles que mesmo tendo um fim específico podem ser reapropriados pelas crianças e ganhar outro sentido, como os kits engenheiro, as peças de jogos de tabuleiro, massa de modelar, jogos de encaixe, kits pedagógicos de formas e cores.



Mesmo que não estejamos fazendo uma proposta exclusivamente de arte, o sentido estético para a organização do espaço e para a seleção de brinquedos não brinquedos está presente. Várias pibidianas experimentaram com propostas pensadas a partir da arte contemporânea. Inspiradas na arte, as bolsistas propuseram que as crianças criassem livremente a partir dos materiais que elas previamente selecionaram.

O que significa dizer que não trabalhamos com folhas previamente impressas, com pintar dentro da linha ou com todas as crianças fazendo a mesma obra. Cada criança é uma artista única e tem seus modos de expressar próprios.



Comecei adquirir livros infantis para ler para as minhas turmas quando eu era professor na Educação Infantil. Acredito muito nesse momento mágico em que um adulto lê para as crianças. Escrevi sobre minha experiência como adulto que lê para as crianças no capítulo *Tempo de leituras durante a pandemia: reflexões a partir de uma autoetnografia* (Silva, 2021). “Acredito que ler para uma criança seja fundamental tanto para o momento atual em que elas estão vivendo quanto para formarmos adultos leitores, com consciência crítica, que valorizem o conhecimento e que se deleitem com os livros.” (Silva, 2021, p. 209)

Sempre incentivei as alunas a lerem para as crianças. Minha primeira estratégia é ler para elas e pedir que voluntárias leiam para a turma livros infantis. A mesma prática realizei no Pibid com a intenção de que as bolsistas conhecessem histórias infantis de qualidade, começassem a prestar atenção na autoria, na ilustração e nas editoras para criar também um repertório e suas preferências.



Talvez vocês notem que as leituras escolhidas pelas pibidianas nem sempre eram recomendadas para a faixa etária na qual estavam trabalhando. Às vezes as histórias eram complexas para serem usadas nos berçários e eram indicadas para a faixa etária de 4 a 6 anos. Posso afirmar que os bebês e crianças bem pequenas amaram as histórias.

Em outras, as histórias eram recomendadas para bebês e fizeram sucesso com as crianças mais velhas. Tudo passa pelo encantamento, pela forma como se faz a leitura, pela beleza das ilustrações, pela voz humana. Todo esse conjunto faz o maravilhar-se e faz com que tenhamos novos leitores atentos, ávidos e expostos à cultura letrada.

Destaco essa particularidade da prática desse grupo que desrespeitou a indicação de faixa etária como uma possibilidade de fazermos diferente. Será que tudo da história foi entendido pelos bebês? Será que não menosprezamos a inteligência do pessoal que já tem 5 anos lendo uma literatura de colo? O que interessa é desfrutar do momento, ler acesso ao livro, à história, ser uma boa mediadora entre o livro e a criança. Sabemos que mesmo com adultos cada leitura é uma nova leitura, cada história conversa diretamente com a nossa experiência prévia.



Talvez os bebês tenham se interessado mais no monstro do que que nos ensinamentos sobre os sentimentos. Talvez as crianças mais velhas tenham ficado fascinadas com o livro sanfona e os múltiplos usos de um patinho de borracha e de um menino em uma história aparentemente simples. A experiência está presente e é relevante.



Muitas vezes deixamos de proporcionar às crianças coisas que julgamos não serem feitas para elas. Fica o convite para a experimentação!



Nesta obra vocês vão encontrar destaques que as bolsistas desejaram dar para as suas práticas com as crianças. O livro está organizado em 5 partes.

A primeira delas são os textos introdutórios, escritos por mim e pelas supervisoras de cada escola participante no Pibid. A segunda parte é sobre as práticas pedagógicas que as bolsistas pibidianas realizaram com as suas turmas. Logo, há sessão específica para as leituras feitas para as crianças. Seguida de uma específica para as mini-histórias. Para encerrar, há uma seleção de textos escritos pelas bolsistas pibidianas da Educação Infantil da Universidade Federal de Pelotas.

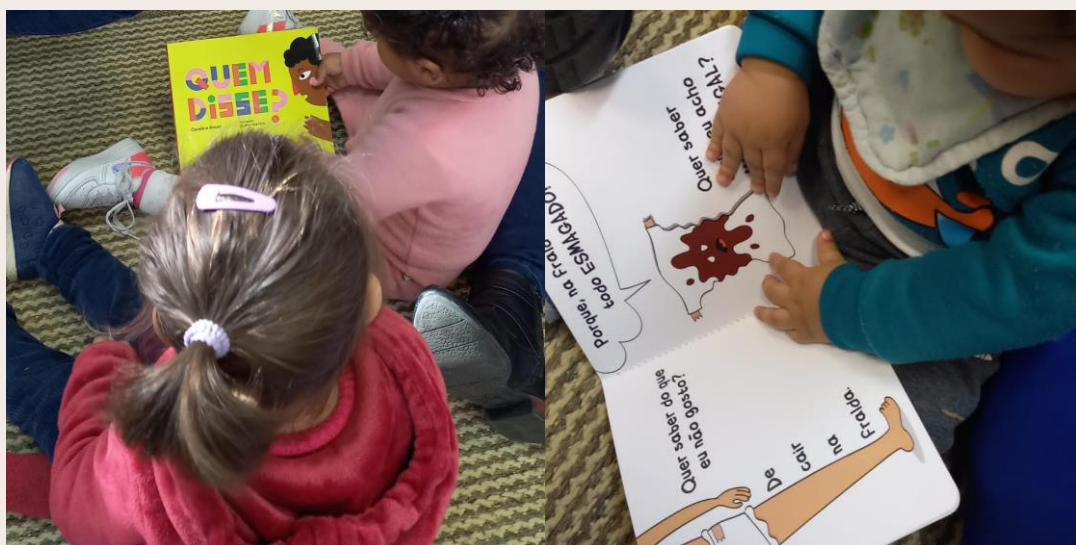


Vale lembrar que as mini-histórias são recortes do cotidiano das crianças na escola e que servem para a reflexão da professora, que se debruça sobre os seus registros para criar uma documentação pedagógica.

As mini-histórias podem ser discutidas entre os pares de professoras e com a direção da escola. Fizemos nossas discussões sobre as mini-histórias durante nossos encontros, nos quais as bolsistas apresentaram as suas e conversamos registro, escrita, dimensão poética, reflexões.

As mini-histórias também são um veículo interessante que possibilita a família entender mais sobre o cotidiano das crianças na escola, suas descobertas, suas habilidades e suas potencialidades.

Para as crianças, além de criar memórias, as mini-histórias, se expostas na sala ou corredores, servem para que elas se reconheçam a si próprias e seus colegas.



Quero destacar o crescimento notável das bolsistas pibidianas tanto com relação ao conhecimento, escrita, pesquisa quanto no seu posicionamento e participação da vida acadêmica no curso de Pedagogia. A timidez inicial deu lugar à segurança e a possibilidade de colocar em prática seus princípios.

A ideia aqui para vocês leitoras e leitores é desfrutar das propostas das pibidianas e, quem sabe, inspirar algumas práticas. Nosso objetivo também é deixar registrado o nosso trabalho neste ciclo pibidiano.

Quem venham muitas práticas mais!

Um abraço afetuoso

E visitem o nosso Instagram:
@pibideduinfantil_ufpel

Referência

SILVA, Marcelo Oliveira da. Tempo de leituras durante a pandemia: reflexões a partir de uma autoetnografia. In: BENTRAME, Lisaura; RODRIGUES, Tamires (orgs). **Infâncias, educação infantil e linguagens: práticas educativas que viabilizam o protagonismo infantil**. Rio de Janeiro: Libroe, 2021, p. 208-231.

Referências das obras que aparecem nas fotografias

ARCARI, Caroline. **Quem disse?**. Ilustrado por Guilherme Lira. Curitiba: Caqui, 2023.

BRENMAN, Ilan. **Caras animais**. Ilustrado por Renato Moriconi. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrado por Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

LANDO, Isa Mara. **O gato xadrez**. Ilustrado por Tatiana Paiva. São Paulo: Brinque-Book, 2012.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. São Paulo: Rocquinho, 2021

ROSA, Sonia. **Chama o sol, Matias**. Ilustrado por Camilo Martins. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2022.

VERAS, Mauren. **O cocô amigo**. São Paulo: Much, 2018

WARNES, Tim. **Perigoso**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2014.

PIBID E PIBIDIANAS NA ESCOLA EM MOVIMENTO

*Jeane dos Santos Caldeira
Cintia Rosa de Oliveira*

Um edital que quase passou despercebido de uma professora doutora da educação básica e que viu a possibilidade de aproximar o fazer docente, a escola e a universidade. Através dessas motivações desempenhei meu papel como supervisora do PIBID, Núcleo Educação Infantil/FaE/UFPel junto à Escola Municipal de Educação Infantil Professor Mário Osório Magalhães.





Localizada na área central do município de Pelotas, a EMEI atende turmas de berçários e maternais, tendo seu público crianças do zero aos três anos de idade. Com infraestrutura adaptada para ser uma escola para crianças pequenas, a instituição além de apresentar na parte térrea três salas de berçários, o segundo piso contém cinco salas de aulas temáticas contemplando os campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Assim funciona a sala de Hora do Conto (escuta, fala, pensamento e imaginação), sala de Música e Movimento (corpo, gesto e movimento), sala do Brincar Heurístico (espaços, tempos, quantidades, relações e transformações), sala de Arte (traços, sons, cores e formas) e Brinquedoteca (eu, o outro e o nós).

Os demais espaços são limitados, tanto pelo tamanho quanto pela infraestrutura defasada. O pátio é reduzido, revestido por piso cerâmico, com playground constituído por brinquedos de plástico.

Foi nesse espaço que buscamos acolher as pibidianas e também fomos acolhidas por elas, uma vez que as propostas de intervenções apresentadas pelas discentes contemplavam o que estava previsto no Projeto Político Pedagógico da escola e nos planos de estudos elaborados pelas professoras.



Confesso que o início não foi fácil, para tanto foi necessário realizar algumas conversas com a equipe docente, dividir turmas para intervenções, sendo que o maior empecilho foi à limitação do espaço físico, em especial nas turmas dos maternais.

Para o início dessa verdadeira aventura, as pibidianas entraram no movimento próprio da escola. Ora realizaram intervenções na sala denominada “Pé no chão”, ora circulavam pelas salas temáticas. E assim se deu a atuação das pibidianas, sendo as crianças agraciadas com contextos investigativos e outras propostas pedagógicas elaboradas por estudantes cheias de novidades, criatividade e afeto.

Nesse sentido, cabe ressaltar a especificidade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, que tem na sua essência a quebra do rigor acadêmico. Diferente da Iniciação Científica e até das tantas exigências que nos deparamos em cursos de Pós-graduação, entre elas pesquisas, produções, publicações, relatórios e eventos, há no PIBID certa liberdade de criar, inovar, renovar e conhecer o “chão da escola”.

Vejo no programa a quebra do engessamento acadêmico, dando sentido poético no fazer docente, proporcionando a troca de experiências entre professoras que atuam na escola e estudantes do curso de Pedagogia. Até mesmo a denominação “supervisora” me parece nada simpática, uma vez que busquei ser facilitadora e mediadora da atuação das estudantes dentro da escola.

Além disso, as pibidianas foram verdadeiras evocadoras de memórias afetivas. Despertaram nas professoras memórias e deram sentido de um caminho trilhado da faculdade até a prática cotidiana na escola. Inspiraram docentes no aperfeiçoamento de suas práticas, motivando até mesmo a equipe diretiva a buscar recursos e investir em materiais apresentados pelas pibidianas.



Nesse sentido, deixo aqui um breve relato de uma professora do Maternal 1, no qual ela mesma denominou como *avaliação diagnóstica*.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

No ano de 2023, tivemos uma experiência ímpar com as intervenções das pibidianas, meninas estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Foram realizadas várias atividades lúdicas e prazerosas que proporcionaram as crianças satisfação em participar e realizar as mesmas.

Geralmente essas atividades vinham ao encontro da proposta pedagógica da nossa escola em que experiências e vivências são mais importantes para o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, tivemos atividades que contemplaram os contextos investigativos com inúmeros materiais, desde os da natureza, até os do dia a dia. Artes, heurístico, contação de história, música e movimento fizeram parte deste trabalho rico o qual foi ofertado a nossa escola e as nossas crianças.

Refletimos a respeito do momento em que as meninas, alunas da Pedagogia estavam passando, pois essa experiência para elas foi de suma importância para a formação, uma vez que o PIBID nada mais é que um período de iniciação à docência e elas realizaram de maneira profissional, com respeito à infância, carinho, tranquilidade, com olhar de cuidado para com os nossos pequenos.

Enquanto professora da turma de Maternal IA tenho esse olhar e atitudes de acolhimento por ter passado por isso no período da universidade. Fiz parte do PIBID e entendo a importância de ser bem acolhida. Acredito que nossa escola foi contemplada com o trabalho maravilhoso e ofertou o espaço necessário para a realização deste projeto, uma via de mão dupla.

Enfim, podemos afirmar que nossas crianças atingiram um resultado satisfatório em que habilidades e competências são primordiais nessa fase.

Professora Cíntia



Acredito que a professora através de suas palavras, conseguiu transmitir o sentimento de todas as profissionais que compõem a equipe da Mário Osório.

Entre momentos de propostas intervalos para os lanches e conversas nas demais salas, percebi o quanto a equipe da escola é grata por tudo que foi desenvolvido pelas pibidianas. Até mesmo as dificuldades enfrentadas pelas estudantes, serviram de experiência em prol do aprimoramento tanto do funcionamento da escola quanto para as próprias relações interpessoais.

Tivemos em nossa escola dez discentes do Curso de Pedagogia, de diferentes semestres, com os olhos brilhando em relação à docência e no envolvimento com os pequenos.





Para as futuras colegas de profissão fica um até breve. A EMEI Professor Mário Osório Magalhães aguarda o retorno do programa, das estudantes na condição de bolsistas ou estagiárias do Curso de Pedagogia. Que nossa escola tenha despertado em vocês o desejo de vencer limitações e fazer diferente tudo em prol das crianças, pois estes são desafios que enfrentamos diariamente.

Referência

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017.

EXPERIÊNCIA DO PIBID NA EMEI ÉRICO VERÍSSIMO

Bruna Mendes Rosa

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Pedagogia Educação Infantil teve início de sua parceria com nossa escola em junho de 2023. As nove bolsistas foram divididas em duplas ou trios e atuaram nas turmas do Berçário, Maternal 1, Maternal 2 e Pré 2 C.

As intervenções das bolsistas ocorriam semanalmente às terças e às quintas. Nessas intervenções eram propostas experiências diversas para as crianças, com brinquedos não brinquedos. Assim, as crianças puderam experimentar materiais distintos e colocar a imaginação em cena, criando cenários e infinitas possibilidades.



Também eram contadas histórias infantis, com livros sempre atrativos ao interesse das crianças, propiciando espaços de diálogos ricos em trocas e perspectivas diferentes do que a história trazia, inspirando brincadeiras e novas contações criadas pelos pequenos.



Brincadeiras ao ar livre também fizeram parte das experiências proporcionadas pelo programa na escola, sempre oportunizando materiais diversos para as crianças e outros que elas mesmas elaboravam umas com as outras ou em conjunto com as bolsistas.



A construção de materiais, como massinha de modelar, também fez sucesso entre as crianças. Elas puderam participar do processo de produção do início ao fim, brincando com o material e podendo levar para a casa o produto final de sua experiência.



Essas e tantas outras experiências foram proporcionadas às nossas crianças.

Esses momentos foram um convite para as professoras da escola refletirem sobre o nosso fazer pedagógico e à respeito das infâncias.

No sentido de resgatar e repensar práticas cotidianas que viessem ao encontro da descoberta, da experimentação, da imaginação, da resolução de problemas e dos diversos questionamentos partindo dos pequenos.

A parceria com as PIBIDIANAS foi enriquecedora para a escola e isso é constante na fala das professoras, que puderam estar novamente em contato com a universidade e com o que está sendo proposto no curso de Pedagogia atualmente. Destaco a construção de um espaço de trocas entre alunas em formação inicial e professoras no chão da escola, consolidando para estes profissionais espaço de formação continuada.

A escola espera que a parceria possa ter continuidade e que possamos receber mais bolsistas para atuar no maior número de turmas possível. Algumas turmas ficaram de fora e gostariam de poder experimentar a proposta do PIBID em um futuro breve.

O nosso muito obrigado ao trabalho desenvolvido pelo programa ao longo de 2023!

Referências das obras que aparecem nas fotografias

AUERBACH, Patrícia. **O lenço**. São Paulo: Brinque-Book, 2013.

CARLE, Eric. **Uma lagarta muito comilona**. Rio de Janeiro: Callis, 2011



RELATO DE EXPERIÊNCIA AO RECEBER AS BOLSISTAS DO PIBID

*Camila Cardoso Neves
Andréia Lourenço Bloedorn*

Começo esse relato, agradecendo a oportunidade por ter sido contemplada a fazer parte deste grupo pibidiano. Grupo esse que me fez lembrar do frescor e da vontade de fazer diferente na escola das infâncias. Esse frescor que, muitas vezes, se perde ao longo da jornada, que acaba sendo esquecido por conta de todas as demandas e tarefas administrativas que também fazem parte do ser professora de crianças.

A parceria do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – Núcleo Pedagogia – Educação Infantil, com a EMEI Professora Jacema Rodrigues Prestes iniciou em setembro de 2020, em meio a pandemia onde não houveram encontros presenciais com as crianças e menos ainda visita a escola. Nesta segunda oportunidade de fazer parte do PIBID, com um edital quase perdido, em julho de 2023, enfim, conseguimos concretizar as experiências com um grupo de nove bolsistas, divididas em duplas ou trios atuaram nas turmas de Berçário (0 a 2 anos), Maternal 1A e Maternal 1B (2 a 3 anos) e Pré 2B (5 anos).



As duplas ou trios realizavam intervenções semanalmente as quartas-feiras, essas intervenções começavam a ser pensadas e planejadas nas reuniões semanais do grupo. Nos encontros do grupo cada integrante dividia seus anseios com relação à realização das práticas com as crianças.

A escola conta com uma infraestrutura interna e externa bastante privilegiadas, as salas são amplas, bem arejadas, com janelas grandes que dão acesso a vista dos pátios, na parte externa, temos três áreas de pátio, um deles com areia e brinquedos de parquinho e outros dois com grama e algumas árvores

A escola foi contemplada para participar do Programa da Prefeitura de Pátios Naturalizados, justamente por ter essas áreas verdes, a escola foi escolhida para ser piloto do programa que é um incentivo as brincadeiras ao ar livre.



Com isso, tendo todo esse espaço dentro e fora das salas de referência, o prédio da EMEI Jacema Prestes foi palco de infinitas possibilidades para que as bolsistas pudessem explorar com as crianças experiências e experimentos.

A escola já conta com uma prática de brincadeiras livres em meio a natureza, criação de contextos investigativos e brincar heurístico com brinquedos não brinquedos, o que vem ao encontro das discussões e estudos feitos nas reuniões semanais do PIBID, núcleo Pedagogia Educação Infantil.

A cada contato com as bolsistas, via-se a preocupação em conseguir oportunizar as crianças práticas com sentido. Mesmo elas já tendo entendido que, por vezes, o planejamento não sai como previsto, percebia certa maturidade para flexibilizar o que já havia sido pensado. O que mostra que o contato com a escola oportunizou experiência e aprendizado, para as bolsistas e as professoras que receberam as meninas nas salas.

A seguir, temos um registro da mostra de mini-histórias pibidianas e seus visitantes mais ilustres. E o relato da professora Andréia.



SILENCIAR PARA ENTÃO SENTIR OS DIAS ESCOLA: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE O PIBID

Disseram-me que árvores paradas estão em movimento, mesmo que não percebido, o movimento está lá, acontecendo.

Pode algumas meninas produzirem movimento em uma escola gerando silêncio e tranquilidade? Assim foram os encontros com as pibidianas na Escola Municipal de Educação Infantil Jacema Rodrigues Prestes, um movimento leve quase que imperceptível em uma escola que corre.

Elas não estavam lá para produzir tempestades, transformar o mundo escolarizado ou mesmo nos perguntar “o que fazer?”, elas estavam lá para experimentar as sutilezas dos dias escola.

O movimento delas gerou movimento em nós. Quantas possibilidades surgiram das conversas, dos olhares e daquilo que nem precisou ser dito, mas foi vivido.

Pensar que foram elas que aprenderam algo seria como colocar-me em um pedestal-professoral, prefiro estar a “professonhar” com elas enxergando o os dias-escola coloridos através das formas geométricas espalhadas pelo chão da sala.

Certo dia pensei, o que faz pessoas tão afeiçoadas, inteligentes e de boa aparência escolherem ser professoras? Talvez e só talvez, seja pela vontade de potência que transborda em seus dias por algo que não é nomeável, mas é sentido.

É possível que seja esse “professonhar” que habite nelas, meninas inclinadas a sonhar, a usar de suas habilidades conquistando o olhar atento daqueles que anseiam pelo inédito.

Dias corridos, agitados de crescente anseio por ter mais tempo, onde o tempo que se tem é desperdiçado com aquilo que para nada serve e quando paramos por um momento sentimos a inutilidade daquilo que falta... quem sabe olhar para aquilo que transborda a escola? Respirar, parar, sentir o nada.

Quando passava pelas salas e observava as experimentações acontecendo parava, por instantes flertava, eram lapsos de instantes que freavam a utilidade e me convidavam a degustar da exploração das crianças.

Declarar a rapidez da vida me faz pensar nos dias escola permeados de correria das crianças, das burocracias, das rotinas escolarizadas que nos mecaniza.

Questiono-me, como viver uma escola humana? O que ensinar? Eu ensino? Ensino o que? A quem? Como estabeleço relação com aquilo que interessa de fato aos pequenos? Eu olho para isso?

Observando-as questionei-me, o que aprendo eu com elas? O que aprendo ao observar as relações delas com os pequenos? O que aprendo depois de meia vida vivendo as vivências de outros que me atravessam diariamente?

Desacelera, a aula é um acontecimento.

Colocar-se de lado, dar-se um tempo, ficar silencioso, estar lento, apreciando. Foi o que fiz. Parei e observei, não tentei ensinar nada.

Nessas conversas e olhares percebi cada movimento imperceptível dessa árvore que freneticamente se movimenta, um movimento sutil e vivo que desloca os olhares corridos e captura os sensíveis.

O Pibid na escola fez isso, provocou movimentos sutis ao trazer objetos naturais, não estruturados, espalhar pelo chão, contar histórias, rir, escorregar pelos corredores e brincar com as crianças.

Quão difícil é estar no meio, capturar aquilo que não está determinado, notar o que acontece, conversar consigo, perceber-se. Então entendi nessas idas e vindas que fomos nós que apreendemos.

E com elas, mais uma vez, inflamei o corpo-professora, desejando o desimportante, a lentidão. Ensinar a lentidão, o brincar, a não produtividade para então olhar aquilo que voa as nossas vistas, aquilo que esteve ali o tempo todo: o que importa é encontra-se professora, saber o que priorizar, sensibilizar os sentidos e isso vive escapando.

Uma rotina que envolve cuidado, alimentação e atividade dirigida.

Como desacelerar essa rotina?

Como dar efetiva importância ao que é considerado desimportante?

Como desacelerar e priorizar aquilo que apesar de não percebido, importa? Como mudar a professora que sou?

Lembrei de Rosa Dias (2011) quando afirma que se trata de, a cada instante, um tentar de tudo, qualquer que seja o resultado. A rotina da educação infantil poderá arriscar mais perante o desafio do “não resultado”? Será que conseguimos expor nossos dias organizados de escola, frenéticos e cansativos a uma outra possibilidade de experiência com uma rotina que não seja meramente escolarizante, mas que permita outras tantas possibilidades?

Como diminuir o fluxo rotineiro de uma escola e produzir outras formas de relação com as crianças que não a da ordem e do comando?

Questões que inquietam um fazer escola produzindo nessa professora a possibilidade de pensar outras formas de fazer escola. Olhando para o Pibid me des-fiz, re-fiz e sigo des-fazendo-me.

Finalizo afirmando: as perguntas importam.

Professora Andréia

Referência

DIAS, Rosa. **Nietzsche**: vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.



UM RELATO SOBRE O PIBID

Início esse relato com um agradecimento especial ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, que nos permite uma experiência linda e cheia de descobertas, tanto para nós professores, quanto para os nossos futuros colegas de profissão.

Eu, pessoalmente, durante o período que estava na faculdade, sempre me encantei, ao ouvir os relatos das minhas colegas que faziam parte do projeto. Eles eram sempre tão interessantes, enriquecedores e intensos, sentia que era exatamente aquilo que a gente precisava, uma prática acontecendo juntamente com a teoria das nossas aulas.

E é realmente emocionante ver como o PIBID promove essa integração, permitindo que tanto as professoras em desenvolvimento quanto as profissionais experientes se beneficiem mutuamente, contribuindo para uma educação de qualidade e em constante evolução.

Desde o primeiro contato conosco, as meninas demonstraram muito interesse e empenho em dar seu máximo para nossas crianças.

Suas participações eram muito atrativas, a turma se envolvia de uma forma mágica. Traziam materiais ricos e diferentes, que não encantavam apenas os pequenos, mas a nós adultos também. Diversas vezes fui para o Google pesquisar quais eram aqueles objetos e aonde podia encontrá-los, pois gostaria que os mesmos fizessem parte dos nossos dias letivos e não apenas se fizessem presentes na escola nos dias que o PIBID estava lá.

As meninas sempre iniciavam seus encontros com uma história. Lembro de uma quarta que a história era sobre o sol, e naquele dia estava bastante nublado, elas chegaram na sala e falaram que haviam trazido uma história, mas achavam que não daria para ler pois queriam mostrar o sol através janela enquanto faziam a leitura.

Naquele momento ficou ainda mais claro o quanto essa integração é necessária, pois a nossa experiência docente nos permite encontrar estratégias para lidar com os planejamentos que não saem como imaginamos, e com isso eu respondi que elas poderiam sim ler a história e dizer que hoje o sol está escondido atrás das nuvens e que isso acontece para que haja chuva, fenômeno importante para nosso planeta.

É gratificante ver como a presença das pibidianas não apenas enriqueceu o ambiente educacional, mas também proporcionou uma troca de experiências e aprendizados. A escola por inteira teve a oportunidade de ver e ouvir sobre as diferentes práticas pedagógicas, e as possibilidades que existem além dos materiais prontos e específicos. Foi enfatizado a importância do brincar livre, de enxergarmos a criança como protagonista e que os contextos e materiais não estruturados são nossos aliados para explorar a imaginação.

Essas reflexões já eram discutidas em nossas reuniões, mas abrir as portas para o PIBID as tornou mais tangíveis para colegas que talvez estivessem presas a práticas mais tradicionais.

A maneira como as meninas se empenharam em suas propostas, trazendo não apenas conhecimento teórico, mas também práticas inovadoras e materiais interessantes, é realmente louvável.

Foi encantador observar a prática das futuras professoras na minha sala. Ver o quanto elas se envolveram rapidamente com as crianças de forma respeitosa e amorosa, enxergando-as como sujeitos que possuem uma voz, opinião e vontades, alegrou meu coração.

Na minha prática eu procuro sempre estar perto deles, sentada no chão, brincando junto, agachando para falar e ouvir, e isso faz com que eu crie um vínculo forte com a turma, e não foi diferente com as pibidianas.

Quando elas iam embora alguns perguntavam se elas voltariam no dia seguinte, mostrando que a presença delas era importante para os pequenos. Inclusive, elas optavam por ficar até a hora do almoço para participar do maior número possível de momentos com eles.

A presença das pibidianas não apenas estimulou as crianças, mas também inspirou outras professoras a repensarem suas práticas e explorarem novas abordagens pedagógicas.

A valorização do brincar livre e do protagonismo da criança como elementos fundamentais da prática pedagógica é crucial para um desenvolvimento saudável e integral dos pequenos.

E o fato de as futuras professoras terem vivenciado isso de perto certamente deixará uma marca positiva em sua trajetória profissional.

Expresso aqui minha profunda gratidão por ter tido a oportunidade de me envolver um pouco neste projeto e por tudo que aprendi com ele..

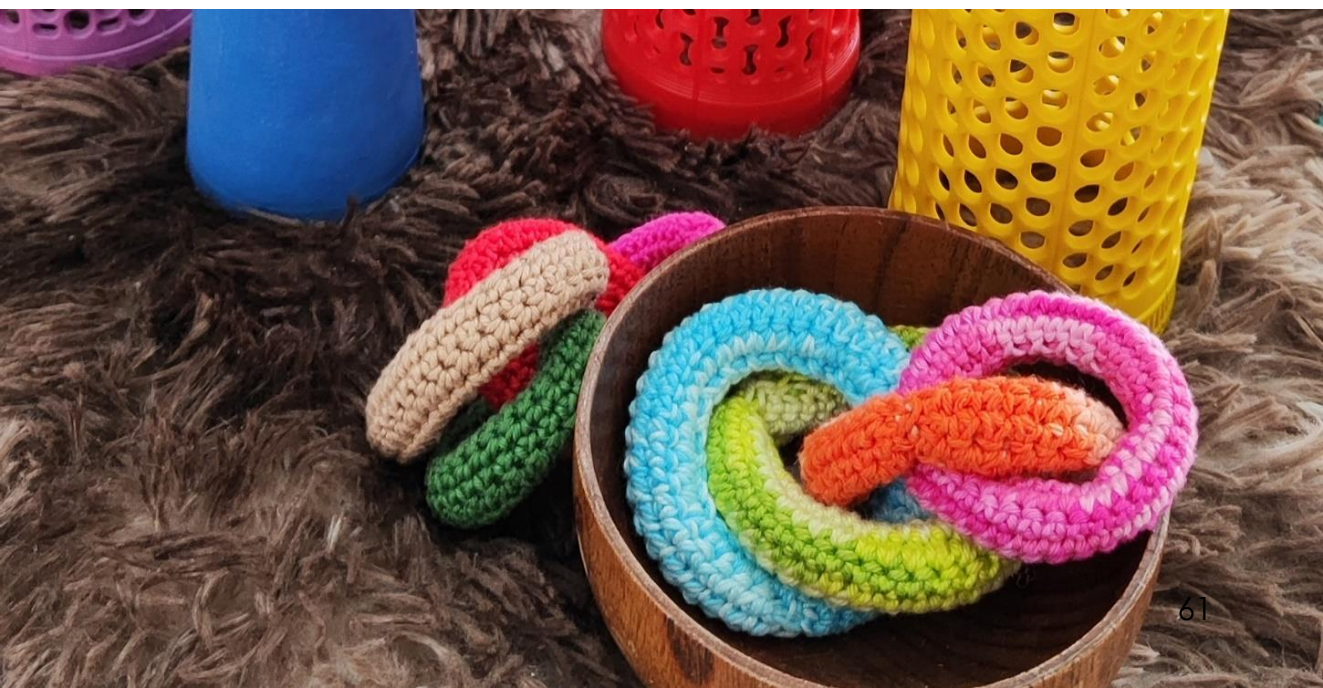
Expresso aqui minha profunda gratidão por ter tido a oportunidade de me envolver um pouco neste projeto e por tudo que aprendi com ele. Sinto falta das meninas e de suas práticas inspiradoras. Deixo a porta da minha sala sempre aberta para recebê-las de volta quando desejarem.

Com carinho, Fran.





CONTEXTOS BRINCANTES



A seguir, apresentamos uma série de contextos brincantes/investigativos que propusemos para as crianças durante o nosso tempo de pibidianas.



BRINDANDO COM DINOSSAUROS

Sthefanie Lautenschlager Peverada





Para esse contexto propomos para as crianças a utilização de diferentes materiais, tais como: rolinhos de papel higiênico, caixas de ovos, potes com diferentes tamanhos, tampinhas de garrafa pet e de amaciante, dinossauros e materiais de pintura, como folhas de papelão forradas com folhas brancas A4, giz de cera e lápis.

Além de disponibilizarmos ao redor dos materiais colchonetes para caso as crianças quisessem sentar-se ou se deitar em cima deles.

Nossa intenção era que cada um tivesse a oportunidade de escolher fazer aquilo que mais gostava, alguns se debruçaram em pintar, outros em construir torres, outros em construir baterias com os potes e os lápis.

Já outras crianças preferiram utilizar os potes para fazer diversos tim-tins e comidas para servir aos dinossauros. Também tivemos quem optou por fazer um pouco de cada coisa ou misturar todas as brincadeiras imaginadas.

Como possíveis aprendizagens das crianças, podemos destacar o estímulo da curiosidade com os materiais oferecidos, a descoberta de novas possibilidades para a brincadeira e a interação com os colegas, bem como as diversas formas de experimentação dos materiais, a concentração e a construção de hipóteses.

Além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, utilizando da imaginação e da resolução de problemas, o desenvolvimento emocional e social com o compartilhamento e a colaboração, o desenvolvimento físico com a coordenação motora, o desenvolvimento linguístico através da interação e a autonomia para a tomada de decisões na brincadeira.





PULSEIRAS DA NATUREZA

Vanice Valim Garcia



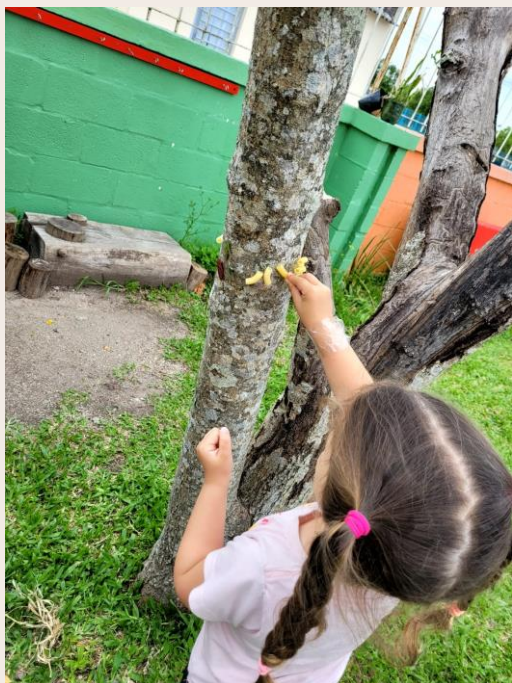
Na ocasião desta intervenção, as crianças da Escola Municipal de Educação Infantil Jacema Rodrigues Prestes se divertiram bastante com a proposta de confecção de Pulseiras da Natureza.

Usando fita adesiva larga com a parte colante para o lado externo, fizemos as pulseiras e exploramos o pátio, incentivando as crianças a compartilharem seus pontos de vista sobre a natureza e suas percepções do meio ambiente.

As professoras titulares da turma apoiaram a iniciativa com entusiasmo, fornecendo materiais, como algumas folhas secas e alguns tipos de macarrão, para que as crianças pudessem personalizar suas próprias pulseiras. O resultado ficou incrível!



Expandimos a nossa proposta para o pátio da escola. Junto com a professora titular tivemos a ideia de dispor as fitas adesivas também nos troncos das árvores. Foi uma manhã alegre, repleta de entusiasmo por parte de todas as crianças.



A nossa intervenção foi extremamente enriquecedora, tanto para as crianças quanto para nós, pibidianas. Foi possível compreender a relevância do meio ambiente na educação infantil e perceber que, por mais jovens que sejam, as crianças apreciam e compreendem o tema.

ESTAMPARIAS E BEBÊS

Evelyn M. Pinheiro



Este contexto de exploração foi pensado a partir da data 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Embora, tenhamos trabalhado com histórias com personagens negros durante nossas intervenções durante a duração do projeto, escolhemos fazer uma especial.

Nesta prática, propomos que os bebês do berçário criassem suas próprias estampas, utilizando tinta de tecido nas cores amarela, vermelha, laranja, azul e preta. Essas cores se mesclaram e se tornaram diversas outras. Utilizamos pincéis de variados tamanhos, além de esponjas cortadas em triângulos, inspiradas nas estampas que vemos em tecidos oriundos do Continente Africano. Foi pedido previamente que as crianças trouxessem de casa uma camiseta



No centro da sala, disponibilizamos as tintas que estavam em cartelas de ovos, os pincéis e as esponjas.

A partir da própria organização do espaço, as crianças foram convidadas a fazerem sua arte. Elas se sentaram em roda e começaram pintando as mãos, em seguida compreenderam que podiam pintar a camiseta.

Logo, já estavam criando suas estampas em suas próprias camisetas. Em seguida, estamparam, a do colega ao lado e logo o da frente.



Quando percebemos, todos estavam participando das estamparias uns dos outros, e assim, foram surgindo as mais diversas e criativas camisetas, com arte compartilhada e desenhos únicos das próprias crianças.



Nossas propostas são sempre voltadas para as crianças e suas diversas formas de expressão. Destacamos a importância da liberdade criativa que as crianças puderam usufruir neste dia.

Nem sempre trabalhamos com um produto, neste caso a camiseta. Entretanto, nesta intervenção podemos ter algo concreto. Percebemos que as crianças se concentraram e criaram sem a interferência do adulto, utilizando o seu desejo criativo e a sua vontade de deixar suas marcas.

MÃO NA MASSA

Livia Oliveira da Rosa



Em uma manhã bem ensolarada propomos para as crianças fazermos massinhas de modelar coloridas. Todos logo toparam e estavam super ansiosos para aprender a fazer.

Então começamos, coloquei todos os materiais necessários em cima da mesa e fizemos uma grande roda em torno da mesa e assim todos poderiam me ajudar com os ingredientes e participar da receita.

Para fazer essa massa utilizamos: farinha de trigo, óleo, sal, água e corantes alimentícios



Para que todos pudessem, participar dividimos colheres para que cada um pudesse colocar os ingredientes na bacia e ir misturando até formar nossa massa.

E assim foi fluindo à intervenção. Enquanto misturávamos os ingredientes, as curiosidades foram surgindo:

- Pode comer?
- É doce ou salgada?
- Posso amassar?

O Lucas, que estava comendo um pouco da massinha, disse que estava muito gostoso aquele pão.



As crianças coloriram da cor que queriam e aproveitaram para criar com a massinha. Ao final da intervenção, o Pedro pegou sua massinha toda colorida e passou nos cabelos, dizendo que era um zumbi.



Nossas propostas sempre buscam centrar o processo de exploração, descoberta, investigação, criação e invenção nas crianças.

JARDIM SENSORIAL

Kethlen Oliveira



Para a intervenção do dia 23-08-23, criamos um jardim sensorial para as crianças do maternal I. Escolhemos diversos materiais, como: terra, folhas, flores, chás, pedaços de madeira, pedras e conchas.

A proposta traz a ideia das crianças explorarem livremente os materiais, bem como descobrirem, por conta, as diferentes texturas e tamanhos dos objetos. Além disso, a intervenção auxilia na motricidade fina das crianças ao realizarem diversos movimentos durante as descobertas, além de estimular a criatividade, a imaginação e a interação entre elas.



Durante a intervenção, as crianças demonstraram interesse e curiosidade pelos materiais, pois alguns deles nunca haviam sido explorados por elas.

Algumas crianças se concentravam na sensação suave das folhas entre os dedos, enquanto outras colocavam a concha nos ouvidos para “ouvir o som do mar”. Outras ainda sentiam o aroma dos chás e decidiam se o cheiro era bom ou não. Já os pedaços de madeira, serviram como plataformas para construções. Eles empilhavam um sobre o outro exercitando o equilíbrio.

Percebemos como a intervenção proporciona não apenas uma oportunidade para o desenvolvimento sensorial, mas também para o crescimento emocional e social das crianças.





REFLEXOS NUM DIA DE SOL

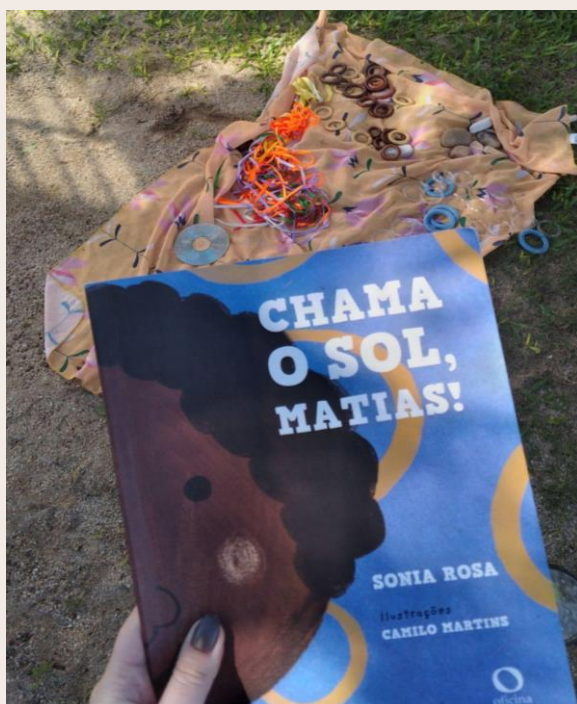
Hellen Bichet Soares



O dia estava lindo, com um sol radiante no céu! fomos para o pátio da escola com o maternal I, sentamos no chão e conversamos.

Vocês gostam quando chove? – perguntei. Algumas das respostas foram sim, outras que não. Os que não gostam de dias de chuva, disseram que não podem brincar na rua porque ficam molhados.

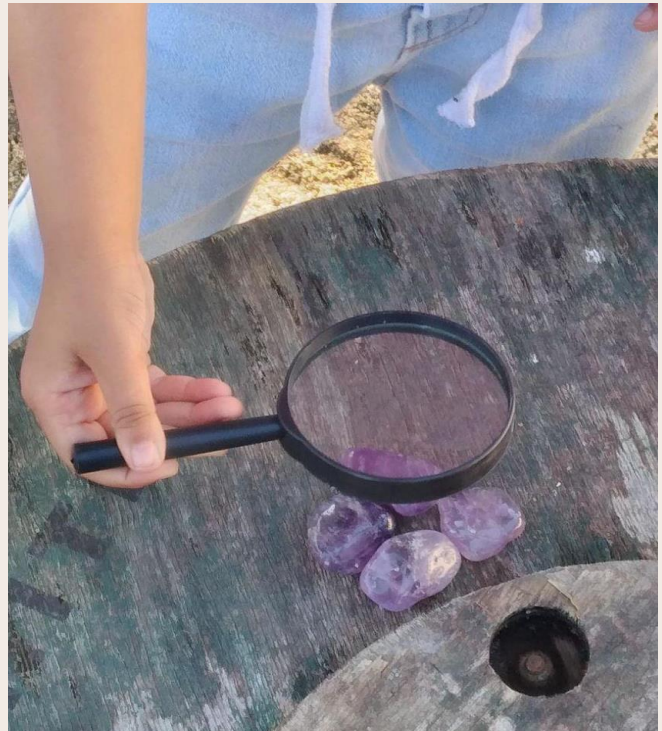
Será que tem um jeito da gente fazer o sol aparecer? – perguntei outra vez enquanto mostrava o livro *Chama o sol, Matias!*. Ficaram pensativos... Iniciamos a leitura e ela se encerrou com muitos gritos chamando o sol.





Levamos muitos materiais para a investigação das crianças eles havia argolas de madeira e acrílico, lupas, fitas de diversas cores, pedras e CDs.

As lupas foram utilizadas para observar de perto aspectos do pátio, as pedras e até mesmo detalhes dos rostos dos colegas.



Argolas foram para em volta das pedras, os CDs cravados no chão mostravam como um risco permanecia ali quando retirado.



A maior descoberta da manhã: o sol refletindo no CDs! A descoberta começou com a Ellie simplesmente andando pelo espaço com um CD na mão, até que percebeu uma luz no chão.

- Olha, professora! O que é aquilo?

- Parece que está vindo de ti, Ellie! O que tu acha?

Ela Começou a se mexer para ver se a luz também mexia e procurar nela o que poderia ser aquilo. Depois do que pareceu bastante tempo e a frustração começava a vir, eu disse a ela que poderia estar vindo do objeto na mão dela.

Isso chamou a atenção de todas as outras crianças, que pediram para mim participar. Assim, eles tentavam pegar com suas lupas o reflexo da luz no muro da escola que eu fazia.



EXPLORANDO A NATUREZA

Etiane Messa Valério

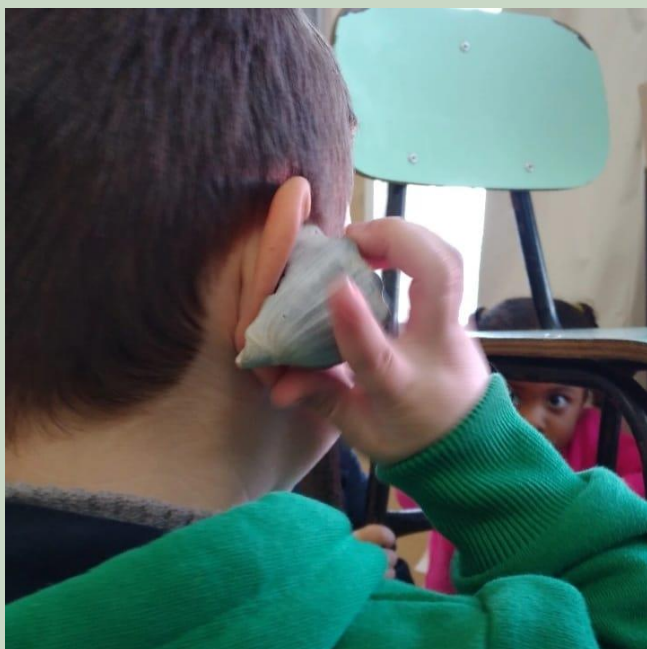


Essa intervenção foi realizada com a turma de maternal I na iniciativa de levar elementos da natureza e explorar diversas texturas e assim observar até onde a imaginação conseguiria chegar.

Os materiais que utilizamos foram conchas, madeiras, pinhas, penas, pedras diversas e limpadores de cachimbo. Montamos estações e deixamos livre para que eles escolhessem o que queriam utilizar no momento.



O contexto foi montando no tapete da sala, onde as crianças já estavam acostumadas a sentar para brincar. Nossa intenção era deixar elas o mais livre na escolha dos materiais.



A imaginação e a realidade correram soltas pela sala. De um lado da sala, as conchas serviam para ouvir o mar e do outro viraram celular. As penas que viraram adereços de cabelo e pedras que se tornaram pedras muito preciosas. Foram muitas propostas criadas por eles com os materiais selecionados



Para nós foi muito importante compreender um pouco mais o mundo das crianças. Ver as crianças interessadas e criativas com as nossas propostas foi recompensador. Elas estão sempre nos mostrando um novo olhar para os objetos e para a própria prática na Educação Infantil.

O BERÇÁRIO VISITA O MATERNAL II

Rafaela Lemos da Luz Furtado



Neste dia, as crianças do berçário visitaram o maternal II. Este é um movimento proposto pela escola e organizado pelas professoras referência. A ideia era observar a interação entre bebês e crianças maiores, além de os bebês conhecerem a sala das crianças maiores. Fomos convidadas a participar!

Como havia bebês bem pequenos que ainda não caminhavam, pensamos em objetos que fossem de fácil alcance para eles, e que tivessem o tamanho ideal para suas mãos segurarem. Preparamos propostas com materiais de plástico em uma parte da sala, e na outra parte materiais naturais.





Os objetos dispostos eram canos e tubos de plástico, bobinas de linha, potes, palitos de madeira, porongos, caixas de ovos e pinhas.

Com esses objetos as crianças brincaram juntas, e as maiores respeitaram os pequenos e aos poucos foram entendendo que seus ritmos eram diferentes, os tipos de brincadeira foram sendo adaptados, bem como a força utilizada na hora de brincar.

Ao brincarem com os materiais, as crianças criaram diversas brincadeiras como colocar os palitos de madeira na caixa de ovos, furando-a, empilhar os objetos e uni-los para criar outro material. Após as brincadeiras com os materiais dispostos as professoras realizaram uma festa para comemorar a união das crianças. Acenderam luzes coloridas de festa que piscavam e fecharam as cortinas, colocando música e tornando a sala em uma espécie de “balada”. As crianças adoraram, correram, dançaram e brincaram.



DESCOBRINDO OS REFLEXOS

ISADORA SANTOS



No dia 07.11.2023 realizamos com a turma do pré 2 B da EMEI Jacema Rodrigues Prestes uma intervenção para que desenvolvessem a consciência corporal, e o conhecimento das cores e reflexos através da interação e imaginação com os colegas e materiais.

Para esse contexto, introduzimos com a leitura *Aperte Aqui* de Hervé Tullet, livro interativo que necessita da participação das crianças para o desenvolvimento da história, fazendo assim que estejam envolvidas com a proposta desde o princípio.

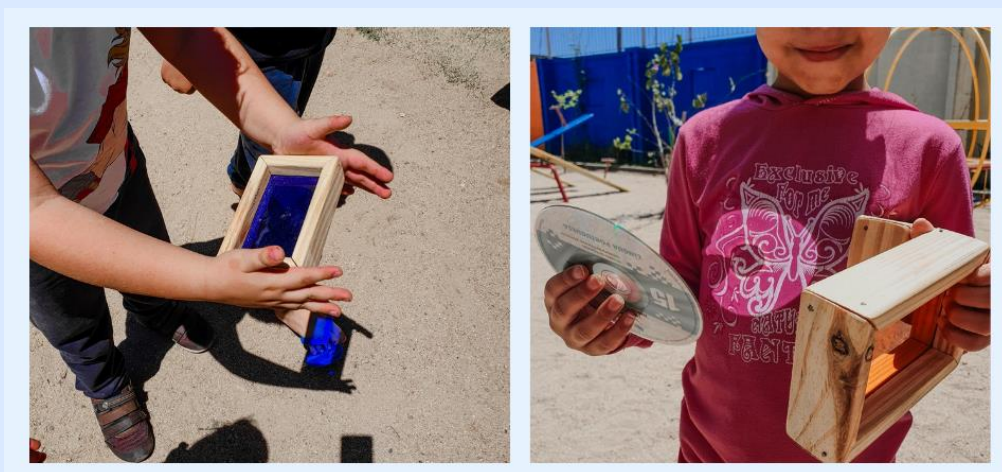
Depois, fomos para o pátio e disponibilizamos os materiais selecionados para a intervenção: CDs e blocos translúcidos coloridos de diversas formas. Mas, não contávamos com um elemento natural e que foi essencial para o sucesso: o sol!



Nossa intenção sempre é deixar os materiais livres e disponíveis para que explorem da maneira que a imaginação e criatividade nortear, partindo das suas vontades e preferências.

Entre castelos com os mobiles e discos de CDs, quando percebemos a brincadeira era encontrar o ângulo perfeito para projetar os reflexos na parede. Já com as cores, o intuito era que a sombra delas formassem outras tonalidades e fossem projetadas.

Com apenas dois tipos de materiais, ocorreram inúmeros aprendizados mediante a exploração. As crianças desenvolveram consciência corporal, conheceram mais sobre cores e suas misturas, a luz, reflexos e sombras. Além da criatividade, imaginação, curiosidade, interação e imaginação com os colegas. ✨



EXPLORANDO AS CORES: DESCOBERTAS NO BERÇÁRIO

Alessandra Aparecida Pereira dos Santos



No luminoso ambiente do berçário, disponibilizamos a utilização de cubos coloridos de acrílicos com diversas formas e cores diferentes.

As crianças envolviam-se em uma experiência fascinante, mergulhando no mundo das cores.

Espalhados sobre a mesa, cubos de acrílico aguardavam ansiosamente para serem explorados. Cada cubo era uma janela para um universo de possibilidades cromáticas, e uma nova descoberta e aprendizado.

Destaco que deixamos as crianças à vontade. Espalhamos os cubos pela mesa e não falamos nada, deixamos que as crianças explorassem.

Com os olhinhos curiosos olhavam através dos cubos o sol e ao seu redor e com as mãozinhas empilhavam cubos formando torres de arco íris, as crianças mergulharam nesse oceano de cores. Vermelho, azul, amarelo... cada tonalidade despertava uma nova emoção, uma nova conexão sensorial.







Enquanto exploravam os diferentes formatos e tamanhos, as crianças aprendiam não apenas sobre as cores, mas também sobre conceitos como textura, forma e proporção. Cada interação com os cubos de acrílico era uma oportunidade de crescimento, uma chance de expandir os horizontes da compreensão sensorial.

Além de contribuir para o desenvolvimento das crianças, ao explorarem as cores, elas utilizam da criatividade, a coordenação motora e o desenvolvem cognitivo.

A nossa proposta de intervenção foi enriquecedora tanto para as crianças quanto para nós que estávamos auxiliando.

E ali, naquele espaço de aprendizado e descoberta, o berçário transformava-se em um laboratório de cores, onde a curiosidade e a criatividade se encontravam para criar experiências únicas e inesquecíveis.

Nos risos contagiantes e nos olhares maravilhados das crianças, estava gravada a magia da exploração colorida, um tesouro precioso a ser guardado na memória.





AVENTURA ARTÍSTICA: CRIAÇÃO DE TINTAS

Michele Helena Siefert



Nesta intervenção, que foi realizada com as turmas do maternal II e pré II, as crianças mergulharam em uma jornada de descoberta extremamente criativa ao explorar tintas feitas com gelatina em pó. Para tornar a experiência ainda mais atrativa e livre, decidimos realizar ela no pátio da escola.

Optamos por levar apenas os materiais necessários para a confecção das tintas, e quem iria fazer e criar as tintas seriam as próprias crianças com o nosso auxílio. Importante destacar que essa oportunidade de criação, a meu ver, instigou mais ainda a curiosidade e o desejo das crianças de participarem dessa proposta.

Utilizamos ingredientes simples, como maisena, água, gelatinas para tonalizar e ervamate, permitindo que as crianças explorassem diferentes cores e texturas.

Durante as pinturas, novas cores surgiam com as misturas feitas nos potinhos que estavam disponíveis. Além disso, disponibilizamos giz para aqueles que preferiam não mexer com as tintas, mas a empolgação foi tanta que todos decidiram experimentar.





Foi uma proposta extremamente divertida para mim e minha dupla pibidiana, e principalmente para as crianças, que se aventuraram em descobrir novas cores e criar muitos desenhos artísticos nas cartolinas e até mesmo em suas próprias mãos, explorando livremente a sua criatividade.

VAMOS FAZER ARTE?

Gerusa Bohlke Pinto Souza



Propusemos às crianças dos maternais i e II da EMEI Mário Osório de Magalhães explorarem materiais de arte. Não utilizamos os materiais tradicionais.

Na ação foram usados: prendedores de roupa, garfinhos de plástico, pincel de maquiagem, tampas de amaciante, esponjas de lavar louça, cotonetes, palitos de sorvete, rolinhos de papel higiênico, embalagens de desodorante, folhas secas e tintas.

Como se pode observar, são objetos de diversas procedências que proporcionaram inúmeras possibilidades para as crianças experienciar a arte.







Nossa intenção era que cada criança pudesse explorar e investigar os materiais de arte e a partir desse reconhecimento pudessem utilizar da forma que bem entendessem.

Algumas crianças pintaram no papel, outras nas garrafinhas pet, e outras fizeram carimbos com as tampinhas de amaciantes. O importante era se expressarem artisticamente.

Todas as crianças participaram ativamente e logo já havia surgido diversas e divertidas propostas de arte. Ao final da ação conseguimos evidenciar que as propostas de produção artística são um ótimo recurso para desenvolver a criatividade e a liberdade.

CORES E FORMAS

Rayane Rodrigues Fritz



Em uma manhã de quinta-feira com as crianças do pré 2 e do maternal 2, massinhas multicoloridas e comestíveis foram confeccionadas.

Começamos colocando todos os ingredientes e materiais na mesa. Curiosas, as crianças já foram explorando, fomos orientando o que deveria ser colocado no grande pote, a farinha de trigo, o amido de milho, o sal e a água. Após colocaram a mão na massa para misturar bem.

Depois, veio a parte mais esperada, a de colorir! Mostramos os corantes alimentícios que tínhamos levado, amarelo, azul, verde, vermelho e rosa. No início eles utilizaram as cores individualmente, mas ao perceber que uma das colegas havia misturado o azul com o vermelho e obtido a cor roxa, todos a sua volta começaram as misturas, alguns se questionavam antes de misturar por completo, como o diálogo que houve entre Kemilly e Maite. Kemilly misturou amarelo e bastante verde.

Maite: Acho que isso não vai dar certo.

Kemilly: Vai sim! Alguma cor vai formar.

Maite: E se ficar tão escuro ao ponto de se tornar cinza?

Kemilly: Olha! Ficou verde escuro, eu te falei.



A massinha comestível foi um sucesso com todas as crianças. Algumas gostaram mais de misturar as cores, enquanto outras preferiram ficar brincando com as texturas formadas pelos ingredientes dentro do pote.

Dentre as variadas formas criadas, surgiram bolos decorados, pop-its, hambúrgueres e diversos modelos de bigodes e cavanhaques!

QUE SOM É ESSE?

Luiza Novack Ribeiro



A intervenção com instrumentos musicais foi feita com a turma do berçário.

A proposta era que entregássemos os instrumentos musicais para as crianças e elas ficassem livres para manusear da maneira que achassem interessante e divertida, explorando os sons e as diversas maneiras de brincar com eles. O contexto da proposta foi em sala, o local onde eles já estavam habituados e confortáveis. Entretanto, durante a intervenção, essa sala se tornou um palco para as crianças, as quais bateram, sacudiram e pularam com os instrumentos, deixando a imaginação correr a solta. Com suas mãozinhas curiosas, as crianças exploraram a textura, descobriram os sons e se aventuraram na experiência da música.



COLORINDO NOSSA MANHÃ

Nathalia Coimbra Lemons



No dia anterior preparamos as tintas caseiras, utilizando como ingredientes: amido de milho, água e corante alimentício. Decidimos por oferecer tinta nas cores branco, preto, azul, vermelho e amarelo, as cores primárias, para que as crianças do pré 2 pudessem criar outras cores a partir daí.

Também oferecemos rolos de tinta, pincéis, carimbos feitos de EVA no formato de círculo, triângulo, retângulo e em símbolo de mais (+) e pratos para que pudessem misturar as tintas para criar novas cores.





A proposta ocorreu no pátio da escola, onde tem a pracinha, grama, árvores e a horta da escola. Preparamos o ambiente colocando tatames no chão, para que as crianças pudessem criar suas artes em meio à natureza, fugindo do contexto de sala com suas mesas e cadeiras.

Ofertamos como base de suas artes um grande pedaço de papel pardo, para uma obra coletiva, e folhas brancas A4 para obras individuais.

Acredito que o fato de a proposta ter ocorrido na área externa da escola, tornou o ambiente muito mais agradável e convidativo, fazendo as crianças se interessassem muito mais no que se propuseram a realizar.

O fato de as crianças eventualmente pausarem suas pinturas para brincar na pracinha não foi um problema para mim, pois elas mesmas retornavam à pintura no momento que desejassem, e a ideia era que a pintura ocorresse de forma livre e quando sentissem vontade de se expressar. Na verdade, foi interessante perceber esse processo criativo.

Com o decorrer da proposta, outras brincadeiras surgiram: algumas crianças decidiram usar os potes de tintas como tubos de ensaio, pois estavam realizando um experimento científico. Outras crianças estavam misturando as tintas a fim de cozinhar uma poção da bruxa, com ingredientes peculiares como sapo cururu, abelha, larvas e morcego.



No fim, muitos materiais estavam com tinta, como os tatames, os pincéis e até mesmo algumas das roupas. Por conta próprias, algumas crianças tomaram a iniciativa de limpar os recursos que utilizamos, mostrando como a construção da colaboração e da cooperação se faz presente no dia a dia.

Percebi que a proposta permitiu às crianças soltarem a imaginação através da brincadeira e da pintura. Elas puderam levar suas obras de arte para casa e mostrar para suas famílias. Nossa ideia foi desenvolver o potencial criativo dos pequenos.



NOSSA SALA COLORIDA

Cristhielen Boeira Ribeiro



Escolhemos para esta linda manhã, os blocos coloridos. Eles são feitos de acrílico translúcido e madeira.

Os blocos foram um sucesso! Além de divertidos, eles estimulam a criatividade, a coordenação motora e a socialização.

No berçário A, tínhamos um bebê de 10 meses, era o mais novo da sala, enquanto que os outros tinham em torno de 2 anos. Sempre que íamos escolher a proposta da semana, pensávamos em alguma que o acolhesse e que ele conseguisse aproveitar.

Essa foi a melhor escolha, ele brincou muito, se divertiu com os colegas e com as professoras. Foi lindo!

Repetimos essa proposta mais duas vezes. As crianças gostavam muito e era sempre uma alegria quando a gente chegava com os blocos.





MODELANDO BRINCADEIRAS

Márcia Eliane Oliveira



A proposta era brincar com massa de modelar caseira.

Logo que cheguei na escola, organizei os materiais que havia levado: a massa de modelar em diferentes cores, vários potes coloridos de tamanhos diversos, formas para cortar, copos plásticos, palitos de picolé e tampinhas de tamanhos diferentes.

A brincadeira começou, e as crianças se divertiram muito entre bolos de aniversário, tortas, suflês, sorvetes e pizzas.





Faziam várias perguntas do tipo:

Posso misturar as cores das massas?

Posso comer de verdade?

Vamos cantar parabéns?

Esta proposta ofertou um aprendizado significativo, as crianças tiveram a liberdade de escolher as brincadeiras, os objetos e a cor das massas.

Destaco o estímulo à criatividade e à interação entre as crianças. Nesse mesmo sentido, as crianças também exercitaram a colaboração e a disposição em compartilhar.

Na turma havia um menino que não participava muito das propostas, geralmente ele só corria na sala, mas nesse dia ele ficou extremamente concentrado na brincadeira e com uma expressão de felicidade no rosto.

Ingredientes da massa:

1 xícara de farinha de trigo;
1/4 xícara de sal;
1/4 xícara de água;
1 pacote de suco em pó da sua preferência.

Preparo:

Misturar bem os ingredientes e amassar durante uns 4 minutos. Agora é só começar a brincadeira!



EXPLORANDO A MADEIRA

Emyly Jordana Cunha Costa



Vivemos em uma era ultra tecnológica e consumista, em que a maioria dos brinquedos adquiridos tem apenas uma função. Isso resulta em pouco interesse por parte das crianças durante as brincadeiras, uma vez que as opções são limitadas e elas não conseguem criar algo novo.

Durante as nossas intervenções com as crianças, pudemos observar que o maior interesse durante a brincadeira está nos materiais não estruturados e em brinquedos não convencionais. Os brinquedos não estruturados permitem uma gama variada de criações e invenções.





O objetivo da intervenção que escolhi para descrever era a exploração livre de materiais de madeira. Reunimos elementos, como retângulos, pratinhos, argolas, caixinhas, esferas, toquinhos e outros objetos de diferentes tamanhos, formas e pesos. Todos feitos de madeira.

A verdadeira diversão começou a partir desses materiais. As crianças inventaram instrumentos musicais, torres, comidinhas de argolas, empilharam blocos e se divertiram brincando de montar e encaixar, dentre outras brincadeiras.

É evidente que ao utilizar materiais não estruturados e brinquedos não brinquedos, as crianças têm a liberdade de explorar, construir, montar, encaixar, inventar e investigar, pois lhes é proporcionada essa oportunidade.

As crianças são estimuladas a pensar, refletir, formular hipóteses e dessa forma, estão se desenvolvendo enquanto brincam.





A PINTURA GIGANTE

Vitória Nunes dos Santos



Para esse contexto utilizamos pinceis, potes, um tecido de malha branca e barbantes. Além desses materiais, produzimos em casa tintas naturais com cenoura, beterraba, vermelhão (tempero) e erva mate.

Então, para montar o contexto, as crianças foram deslocadas para outro espaço, quando retornaram o tecido branco havia tomado conta da sala, pois fixamos de parede a parede. Com uma mesa redonda a sua frente e as tintas disponibilizadas, eles foram convidados a pintar o que quisessem.

A intenção era que eles ficassem livres para escolher pintar ou não, experimentar as tintas e sentir as texturas, descobrirem o que eles quisessem sem se preocupar com a sujeira.

A empolgação e a alegria tomou conta das crianças, o contexto de brincar livre se fez presente.







UMA MANHÃ CONGELANTE

Gabriela Novack



Para esse contexto utilizamos alguns materiais que as crianças já conheciam complementando com outros materiais diferentes, entre eles foram utilizados: dinossauros; gelo; colheres de madeira, de plástico e de alumínio; pegadores; tamboril; elementos da natureza e tigelas de alumínio.

Preparamos no dia anterior gelos com dinossauros dentro e algumas rosas e folhas da natureza.

Deixamos o ambiente preparado para as crianças. Estendemos um lençol para que ficasse mais aconchegante para as crianças brincarem. Assim logo que entraram na sala o que mais chamou a atenção deles foram os gelos, percebendo que dentro havia alguma coisa.

Com o auxílio das colheres que haviam em volta, eles começaram a quebrar o gelo, pensaram em infinitas possibilidades de como conseguir salvar os dinossauros lá de dentro. Tentaram com as colheres, jogaram no chão, comeram, passavam as mãos para derreter mais rápido, entre outras criatividades.

Com essa proposta as crianças perceberam que com a ajuda dos colegas eles conseguiriam tirar os dinossauros mais rápido de lá. Assim todos trabalharam em equipe.



A criatividade que eles tiveram para derreter ou quebrar o gelo foram além do que imaginávamos, a felicidade quando conseguiam salvar os dinossauros era grande. Alguns perceberam que ao ficar muito tempo com o gelo na mão começava a queimar, assim eles partiam para outra opção.

Foram muitas aprendizagens, o trabalho em equipe fazendo com que todos participassem da brincadeira, as descobertas, o desenvolvimento cognitivo, o sensorial e a imaginação que fizeram parte dessa manhã um pouco congelante.



UM CESTO E TANTO

Cilara Braga Gregório



Em uma manhã bastante criativa e produtiva de intervenção na escola Mário Osório Magalhães, o pessoal do berçário BOB explorou o cesto dos tesouros. O cesto reunia vários objetos do cotidiano, nos quais eles poderiam utilizar sua imaginação e criatividade como quisessem. A proposta era que eles não fossem direcionados por adultos, e sim que eles poderiam vivenciar livremente construindo suas vivências sem interferência.

O cesto dos tesouros tem finalidade de proporcionar estímulos e experiência dos cinco sentidos da criança como: o descobrimento e o desenvolvimento do tato, do paladar, do olfato, da audição, da visão e do sentido do movimento do corpo.



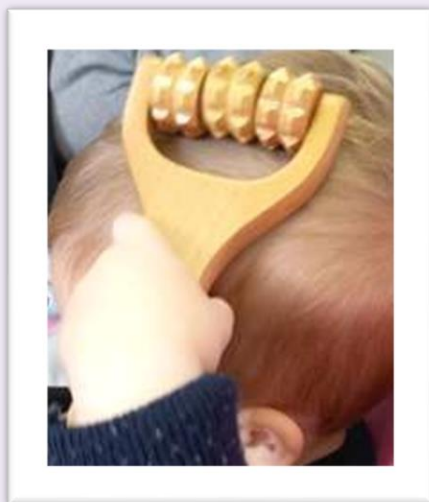


Durante a intervenção notamos que as crianças recriam e dão novos significados e utilidades para os objetos.

Colocaram vários objetos na boca para sentir o paladar, utilizaram escovas de madeira para pentear cabelos dos colegas, escova de sapato para escovar os dentes, fazem comidinha para os colegas, utilizam molhos das chaves para abrir portas, sentem as diversas texturas dos objetos, fazem binóculos com rolos de papel, pulseiras, se admiram no espelho de bolsa, fazem barulhos com um porta óculos com alguns objetos dentro, até a utilização do cesto como um capacete ou chapéu.



Nessa intervenção proposta com o cesto dos tesouros, podemos perceber o quão ricas e abundantes são as experiências vividas pelas crianças através do brincar livre, e também sua construção social, a partir de um simples cesto com itens comuns do cotidiano.



SEMÁFORO MUSICAL

Lara Martins



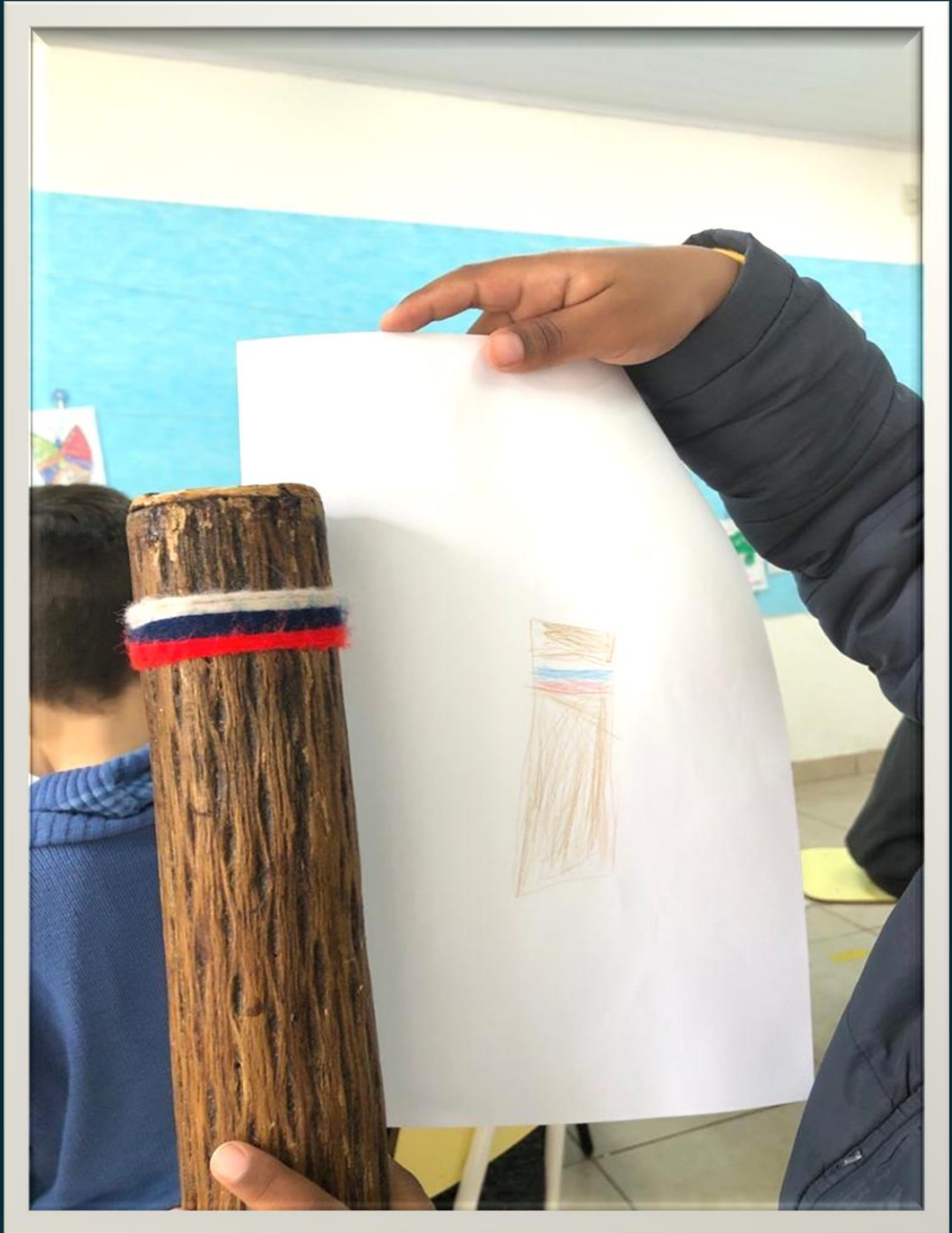
Tivemos uma manhã musical com as crianças do pré 2C. Utilizando brinquedos não brinquedos, foi proposto explorar os sons em suas diferentes intensidades.

Num primeiro momento apresentamos a leitura do *Livro Clap*, dando introdução a proposta. Em seguida, cada um escolheu o material desejado, sendo dentre eles o pau de chuva, toquinhos de madeira ou caixinhas de metal, com a finalidade de produzir os sons.

Nossa proposta foi chamada de “semáforo musical”, pois cada cor do semáforo possibilitava uma expressão de som.

Na cor verde todos ficavam em silêncio. Já na vermelha fazíamos sons altos e bem fortes. Quando apontada a cor amarela, o som era mais controlado, mais suave, baixinho. Assim, o mesmo objeto podia ter diferentes intensidades de som.

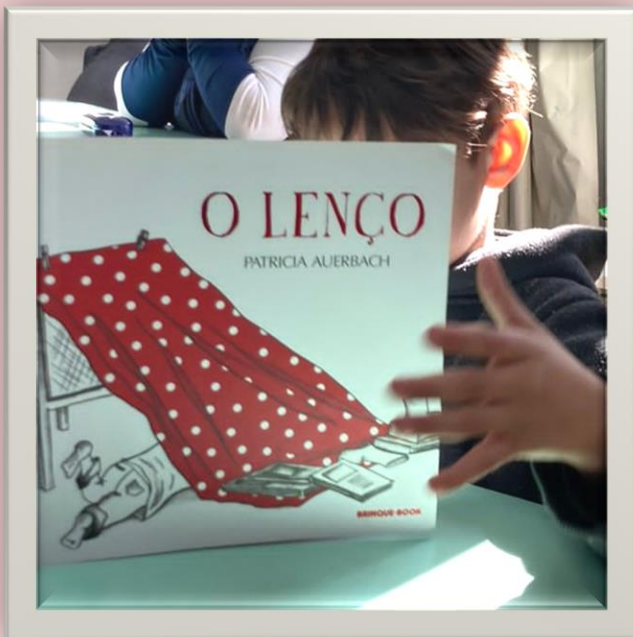
Por fim, cada um pode fazer um desenho relacionado com a proposta: o objeto que escolheu ou um instrumento que goste.



NOSSAS LEITURAS



Nós sempre iniciávamos ou terminávamos nossas propostas com uma leitura. A seguir, vocês podem conferir alguns dos livros que escolhemos e mais detalhes sobre as experiências.



UMA MANHÃ MUITO COMILONA

Sthefanie Lautenschlager Peverada
Márcia Oliveira



Trazemos aqui registros de uma manhã de segunda-feira nublada com os Maternais I, começamos montamos um ambiente acolhedor e confortável para eles – uma barraquinha de ouvir histórias.



Assi, fomos ouvir a história de *Uma lagarta muito comilona* escrita e ilustrada por Eric Carle.

O livro foi sucesso! As crianças amaram e interagiram bastante com a história e o conteúdo do livro.

O livro trata de coisas que estão muito presentes no cotidiano das crianças: os diferentes tipos de comida, o que acontece quando se come demais, os animais, como a lagarta e a borboleta.

Além disso, o livro traz a possibilidade de trabalharmos os alimentos que são saudáveis e os que não são, a necessidade da alimentação para o crescimento, os dias da semana e sua sequência e a contagem dos números de 1 a 10.

Entretanto, nenhum desses “conteúdos” era nosso objetivo. Nossa intenção era ler a história para o deleite das crianças e não para ensinar determinada questão.

Após a leitura, as crianças ficaram falando sobre o que elas mais gostavam de comer e contando quando ficam com dor de barriga por comer demais. Algumas até recriaram a história no contexto que havíamos montado no dia. Elas escolhiam os dinossauros que estavam dispostos e os alimentavam, afirmando que eles tinham comido sorvete demais e estavam passando mal.



CARLE, Eric. **Uma lagarta muito comilona**. Rio de Janeiro: Callis, 2011.

CELEBRANDO A DIVERSIDADE

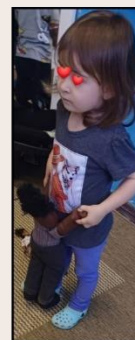
Fernanda Silveira



No Berçário C da Escola Municipal de Educação Infantil Mário Osório Magalhães, no qual professora Anita é a titular da turma, vivenciamos uma experiência singular durante a semana da consciência negra.

Decidimos, junto com a minha dupla Gerusa, realizar uma intervenção especial para ressaltar a importância da equidade racial. Assim, fizemos uma escolha significativa: apenas bonecos e bonecas negras seriam utilizados nessa proposta.

A leitura de *Ainda bem que tudo é diferente* foi um ponto alto. Essa história sensível narra a jornada de Pedrinho, um menino negro com cabelos cacheados do tipo 4C, caracterizado por sua textura densa e crespa. Os fios formam uma curvatura em formato de Z, o que significa que eles não têm definição de cachos, mas sim pequenos zigue-zagues. Geralmente, o cabelo 4C tem aspecto mais seco e, infelizmente, é alvo de comentários preconceituosos, demonstrando a falta de respeito à diversidade.



Ficamos gratamente surpresos ao perceber que as crianças do berçário não estranharam em nenhum momento o fato de os bonecos e bonecas serem todos negros. Pelo contrário, elas brincaram e dançaram alegremente, demonstrando uma naturalidade incrível em relação à diversidade étnica.

Após a leitura do livro, nossa proposta continuou com uma sessão de corporeidade ao som de músicas da cultura brasileira e outras selecionadas pelas próprias crianças. Foi um momento de diversão e aprendizado, onde cada um, com suas diferenças, se uniu em uma só intenção: ser feliz.



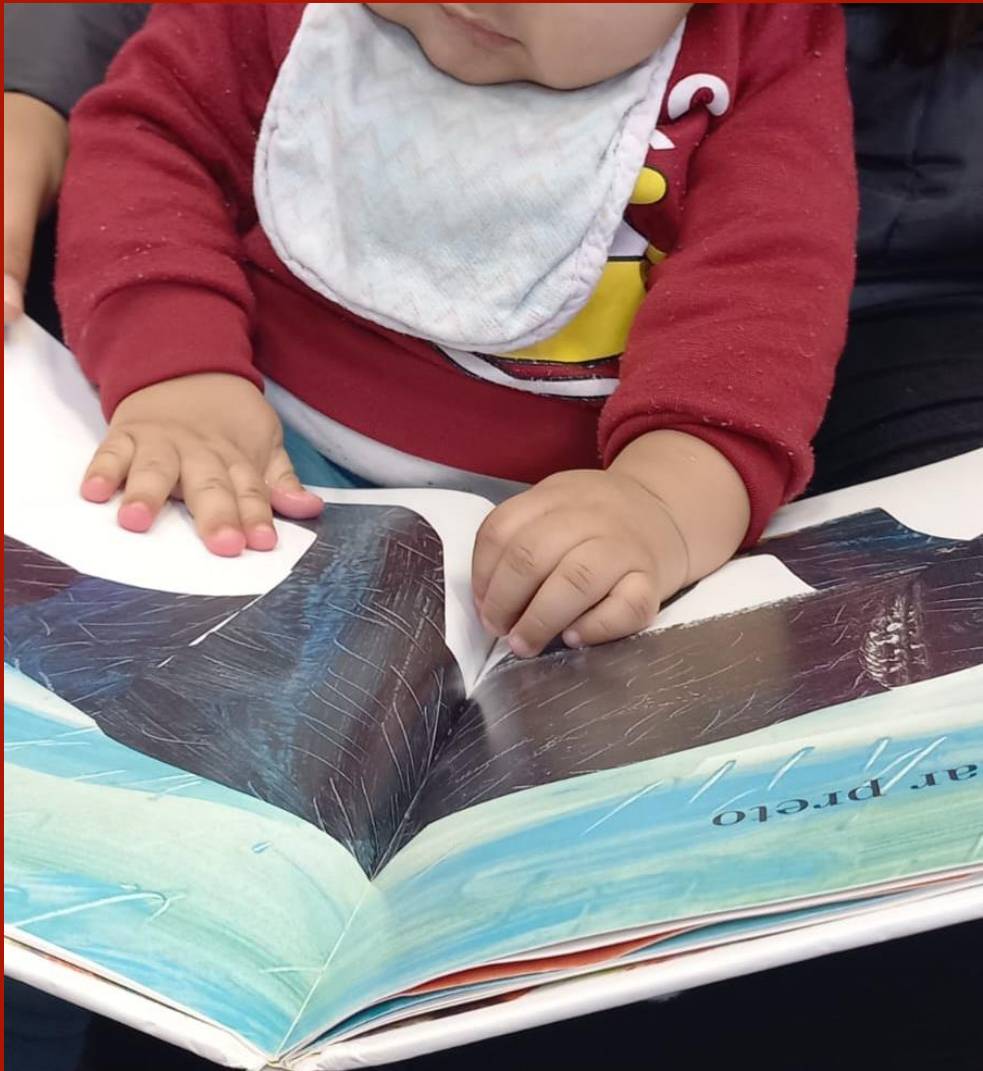
Eu como uma mulher negra fiquei profundamente tocada pela receptividade das crianças. Mesmo sendo todas brancas naquele dia, nenhuma delas se recusou a brincar com os bonecos e bonecas negros.

Essa experiência reforçou em mim a convicção de que ninguém nasce racista, homofóbico ou sexista; esses comportamentos são aprendidos ao longo da vida. À luz das palavras de Djamilia Ribeiro e Conceição Evaristo, compreendo que a prática de trabalhar a diversidade não apenas enriquece o aprendizado, fomentando a inclusão e o respeito, mas também desempenha um papel ativo na desconstrução de estereótipos, na promoção da representatividade e na descolonização de narrativas.



FERREIRA, Fábio Gonçalves. **Ainda bem que tudo é diferente.**

Belo Horizonte: Cedic, 2010



Os livros que escolhemos sempre ficaram à disposição das crianças para lerem, explorarem, reverem as imagens e recontarem a história.

JACARÉ SIM OU JACARÉ NÃO?

Kethlen Oliveira



No dia 24 de outubro de 2023, realizamos a leitura do livro *Jacaré, não!* de Antonio Prata, para as crianças do maternal I. Para o início da leitura, as crianças sentaram-se em roda, para que pudessem visualizar melhor o livro e para poderem interagir durante a leitura.

O livro foi um completo sucesso, as crianças amaram e riram durante toda a contação do engraçado jacaré, que se envolvia nas mais diversas aventuras. Ele convida as crianças a participarem da leitura pela pergunta e resposta:

- Jacaré?
- Jacaré, não!



O livro, por ser extremamente divertido e tratar de cenas comuns ao cotidiano das crianças, como: ir à escola, almoçar, tomar banho, dormir, etc, foi muito bem aceito pelas crianças, que após a leitura, folhara, as páginas para olhar com calma as ilustrações e se atentar aos detalhes.

A obra vem com um enorme pôster, que foi fixado na parede para melhor visualização das crianças. Elas interagiram com o pôster e conversavam sobre o que o jacaré estava fazendo.

O livro despertou a curiosidade e a imaginação das crianças, que conversaram sobre a leitura durante toda a manhã.



PRATA, Antonio. **Jacaré, não!**
Ilustrações de Talita
Hoffmann. São Paulo: Ubu,
2016.

LITERATURA É IMAGINAÇÃO

Márcia Eliane Oliveira

Durante nossas intervenções abusávamos da literatura. Já são conhecidos os benefícios que a literatura traz à Educação, principalmente a Infantil. Faço, a seguir, o registro de dois episódios distintos, em que a literatura trouxe bons momentos, aprendizados e lembranças maravilhosas.

O primeiro relato é de quando li o livro *Chama o sol, Matias*, de Sonia Rosa (2021). O livro conta a história de um menino que havia combinado com a sua família ir à praia. Na manhã seguinte, ao acordar o dia, o céu estava nublado, deixando o menino muito triste. Ao perceber a reação do filho tanto a mãe quanto o pai incentivaram a chamar o sol.

Enquanto fazia a leitura, ia mostrando às ilustrações do livro para as crianças. Marcos, de um ano e oito meses, foi quem mais se identificou com o personagem, prestou muita atenção à história e às imagens.

Logo que finalizei a leitura ofereci o livro para que eles tivessem contato físico. Marcos, então, pegou o livro e sorriu muito, enquanto apontava o personagem e olhava-se no espelho, afinal Matias era como ele, ambos negros.

O dia da leitura estava nublado, por coincidência. Quando fomos ao pátio, as crianças logo começaram a chamar o sol, que apareceu, mesmo que timidamente, para a alegria de todos.

O segundo relato que gostaria de trazer foi quando li o livro *Cheirinho de neném*, de Patrícia Santana (2021).

Quando mostrei o livro e disse o título, várias crianças fizeram uma carinha de não gostei. Então, eu perguntei se algum deles tinha irmãozinho ou irmãzinha, e logo começaram a contar que tinham irmãos e/ou priminhos e priminhas.

Comecei a leitura, já que todas as crianças estavam prestando atenção. Fui lendo e mostrando às ilustrações, enquanto eles contavam coisas de seus irmãos, como:

- *Meu maninho chora muito à noite.*
- *O meu dorme a noite toda e come muito.*
- *Minha maninha não gosta de tomar banho, sempre chora.*
- *Meu priminho é bem bagunceiro como eu.*

Ofereci o livro para que, como de costume, eles tivessem contato físico e revissem novamente suas imagens. Então, perguntei se eles gostavam de cheirinho de neném, e todos disseram que sim. Depois, perguntei se eles sabiam de algum momento em que o cheirinho não era bom. E eles não souberam dizer. Então eu disse: - *Quando a fralda está cheia!* Todos riram muito e concordaram comigo.

ROSA, Sonia. **Chama o sol, Matias.** Ilustrado por Camilo Martins. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2022.

SANTANA, Patrícia. **Cheirinho de neném.** Belo Horizonte: Mazza, 2010.



TRÊS MENINAS NEGRAS

Etiane Messa Valério



Trago o registro de uma manhã ensolarada de quinta-feira com a turma do Maternal I. Recebemos as crianças com a leitura de *Meninas Negras*, de Madu Costa. Trouxemos protagonistas negras para o nosso cotidiano com as crianças.

A leitura foi pensada por acreditarmos na importância da abordagem de pautas raciais . Desde muito temos que plantar a semente da importância do respeito com todos, independente da sua cor de pele. A história escolhida nos faz pensar sobre como podemos tornar o mundo um lugar melhor para todos



A história foi muito apreciada pelas crianças. Creio que tenha sido de uma importância especial para algumas crianças. Acredito que com as crianças essa reflexão sobre os tons de pele faça parte do processo de aprendizagem. Depois da leitura, ficou claro que elas conseguiram entender que mesmo sendo pessoas de tons de pele diferente que todos são importantes e merecem respeito.

Para complementar, criamos um espaço no qual as crianças poderiam criar com tecidos e tintas. Elas usaram também carimbos, que criamos inspiradas em estampas étnicas africanas.

A manhã aconteceu com muita diversão e cor mostrando que se pode abordar pautas importantes com delicadeza, amor e cuidado, desde o início da vida escolar das crianças

COSTA, Madu. **Meninas negras**. Ilustração de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza, 2021.

CONHECENDO O MONSTRO

Evelyn M. Pinheiro



Antes de iniciarmos nossa prática semanal, apresentamos aos bebês o monstro da cores. Aquela figura curiosa despertou o interesse:

Quem era aquele?

O que ele era?

Para conhecer melhor, o monstro passou por alguns “testes”, ele foi cheirado, examinado, mordido, abraçado, teve que levantar braços e pernas, passeou pela sala. Após a aprovação de todos, o monstro se sentou conosco em roda para começarmos nossa leitura.

O monstro das cores da autora de Anna Llenas, gerou movimento e inspiração. As crianças queriam folhar as páginas, observar as ilustrações, tocar as imagens, abrir e fechar o livro, e claro, conhecer melhor o monstrinho.



Após a leitura, sempre entregamos o livro para que os bebês pudessem ler. As crianças leem fazendo suas próprias exclamações e observações, sempre precisas e diretas.



Isac, que adora o momento de leitura, sempre apontava para a ilustração e dizia:

- Olha, olha!!

Isac senta com o livro no colo e mostra para as professoras e para seus colegas as imagens do livro. Ele buscava imitar o nosso momento de leitura.



Os colegas também queriam ter aquela experiência, e sentavam em volta, ou ficavam de pé observando, aguardando para também tirar seus próprios questionamentos sobre aquele monstrinho.

Após a leitura, colocamos para fora nossas emoções utilizando de tintas de diversas cores, assim como o monstro.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

LIVROS SÃO PARA TOAS AS IDADES

ISADORA SANTOS



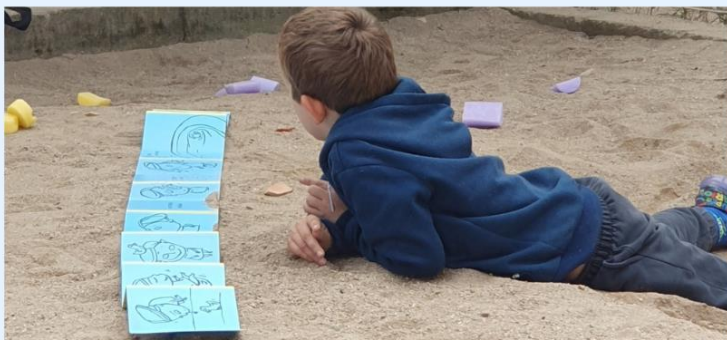
Inserir as crianças no universo do letramento desde pequenas é essencial, e todas nossas propostas são originadas partindo desse princípio

No dia 18.10.2023 na turma do pré 2B da EMEI Jacema Rodrigues Prestes, levamos o livro "Ter um patinho é útil/ter um menino é útil"- Isol, leitura destinada a crianças de 3 anos.

Despretensiosamente, mesmo sendo um livro para crianças mais novas, foi um dos que mais gerou fascínio na turma. Em meio a uma leitura repleta de risadas e comentários sobre o que fariam se tivessem um pato, após isso foi momento de matarem sua curiosidade e explorarem o livro que possuía duas histórias e é organizado em sanfona.

A turma nunca havia conhecido um livro que tinham essas características, e mesmo não estando no processo de alfabetização, todos ficaram horas encantados com as ilustrações, letras presentes, e como era possível abri-lo igual uma "corda".

Com isso, percebemos como envolver as crianças com livros e leituras, mesmo que ainda realizadas por terceiros, contribui extremamente para o desenvolvimento de cada uma, envolvendo criatividade, curiosidade, descoberta... e principalmente, interesse pelos livros e suas histórias, mostrando assim que mesmo não sendo destinado a faixa etária da turma, ainda sim pode ser utilizado, contribuindo com seu aprendizado! ✨



BRINCAR É VIDA E A INFÂNCIA COLORIDA

ISADORA SANTOS



Na turma do pré 2B da EMEI Jacema Rodrigues Prestes em uma manhã de outubro, a proposta idealizada em ser realizada no pátio, teve que ser na sala de referência devido ao mau tempo.

Após a leitura do livro *A cor de Coraline* de Alexandre Rampazo, percebemos que a cor da pele pode ser a que gente quiser, e cada uma significa uma pessoa e jeito de ser. Que não importa o tom, todas são igualmente bonitas. A beleza está na multiplicidade!

Para complementar a leitura, levamos suco em pó de diferentes sabores, cola, água, colheres, pincéis, esponjas e potes, e juntos realizamos a elaboração das nossas próprias tintas.





Assim descobriremos juntos os mais variados tons e a imaginação tomou conta dos nossos artistas que construíram sua arte em coletividade.

Cada um participou de uma parte do processo da formação da tinta e muitos desenhos, misturas de cor e carimbos de mão surgiram. Foi uma manhã muito colorida e de muita diversão! 💖

DE QUEM É ESSE PUM?

Gerusa Bohlke Pinto de Souza



Ao perguntar para a turma do maternal I: *Quem soltou o Pum?* houve um grande silêncio na sala. Afinal de contas quem iria dizer que soltou o Pum? Quem soltaria o Pum e avisaria?

O Pum fez muito barulho naquela manhã! Esse Pum gerou inúmeras risadas e conversas sobre de quem seria aquele Pum tão inconveniente?

Quem já conhece a história sabe que o Pum é um cachorrinho serelepe. Mas as crianças da turma, ainda não conheciam o Pum. Então, durante a leitura do livro, a capa que mostra o desenho do cachorrinho, ficou escondida dentro do meu caderno. Assim, em cada página lida podia-se observar a curiosidade presente nos rostinhos que observavam atentamente aquela História

Depois da revelação da verdadeira identidade do Pum, as crianças passaram a compartilhar as inúmeras histórias de seus animaizinhos de estimação e seus respectivos nomes, em uma agradável conversa.



Un pazo pode ser problemático na vida de
unha persoa. Quando de súpeto cambia, e
é que sempre cambia. E non hai de a pazo porque
fai algo de mal. Entón, a pazo é un problema.
— Como fai que a pazo se produza?
— É algo que se dá en todo o mundo e sempre poder.
— Foi de aí
Cando de pazo.



Ao longo da nossa atuação no PIBID, um dos combinados com a minha dupla (Fernanda) foi que sempre que fôssemos a escola, estaríamos propondo uma leitura.

Sem dúvidas, inserir a leitura na nossa didática foi uma experiência enriquecedora, que tem contribuído muito para nossa formação.

Nossa intenção ao realizar as leituras nos berçários e maternais é contribuir para que se construa o hábito de ler desde a primeira infância.

Finalizo, observando que o Pum vira e mexe faz barulho, escapa e acaba perturbando os adultos, contudo é um livro divertido que arranca risadas de todas as idades.



FRANCO, Blandina. **Quem soltou o Pum?**. Ilustrações de José Carlos Lollo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

KEVIN É UMA PRINCESA

Michele Helena Siefert



Uma das leituras que realizamos nas turmas do Maternal II e Pré-II foi do livro *Princesa Kevin*, do escritor francês Michaël Escoffier e ilustrado por Roland Garrigue.

Como era já nossa rotina com as crianças no momento de leitura, sentamos todos no chão, para que todos observassem as ilustrações que contém no livro e a própria história em si. Em seguida, apresentei a capa do livro e o nome. Logo questionei as crianças sobre o que elas achavam que seria essa história. E como imaginado, foram muitas respostas e possibilidades do que poderia ser.

As crianças ficaram extremamente ansiosas para descobrir, então iniciamos a contação, e sempre durante a história elas iam comentando sobre os detalhes que percebiam, como também imaginando o que poderia acontecer ao longo da história.

Foi um livro que as crianças interagiram bastante, já que iam aparecendo diferentes personagens com fantasias, então acabava instigando mais ainda as crianças a participar do momento da leitura e interagir, descrevendo o que estavam gostando ao longo da leitura.



Inclusive, com a leitura finalizada, uma roda se formou no chão e a partir dessa roda houve uma contação da história deste livro através das próprias crianças e que durou um bom tempo e foi bem divertido.

Após toda a leitura, também questionamos as crianças quais fantasias escolheriam para ir à escola. Surgiram diversas ideias criativas, como dinossauro, Batman, Homem-Aranha, animais, princesa, entre outras, que elas foram nos falando.

Enfim, foi uma leitura que incentivou a imaginação das crianças e, apesar de ter um foco em fantasias, reforçou a mensagem de que elas têm liberdade para se vestir e agir de acordo com suas preferências e gostos, independentemente das opiniões, sobretudo em relação ao gênero, de que aquilo é de menina ou de menino, e que o principal ponto que se deve ter é o respeito mútuo e a diversão como uma prioridade.

ESCOFFIER, Michaël. **Princesa Kevin**. Ilustrado por Roland Garrigue. Traduzido por Lígia Ulian. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

HUM, QUE GOSTOSA ESSA LEITURA!

Luiza Novack Ribeiro



Em uma manhã de outubro, lemos para as crianças do berçário o livro *Hum, que gostoso!*

A obra foi escrita por Sonia Junqueira e ilustrada por Mariângela Haddad.

Durante a leitura, as crianças observaram diversos alimentos descritos no livro e que estão no dia a dia delas, trazendo assim uma memória sobre as comidas consumidas e aproximando a leitura da realidade das crianças.

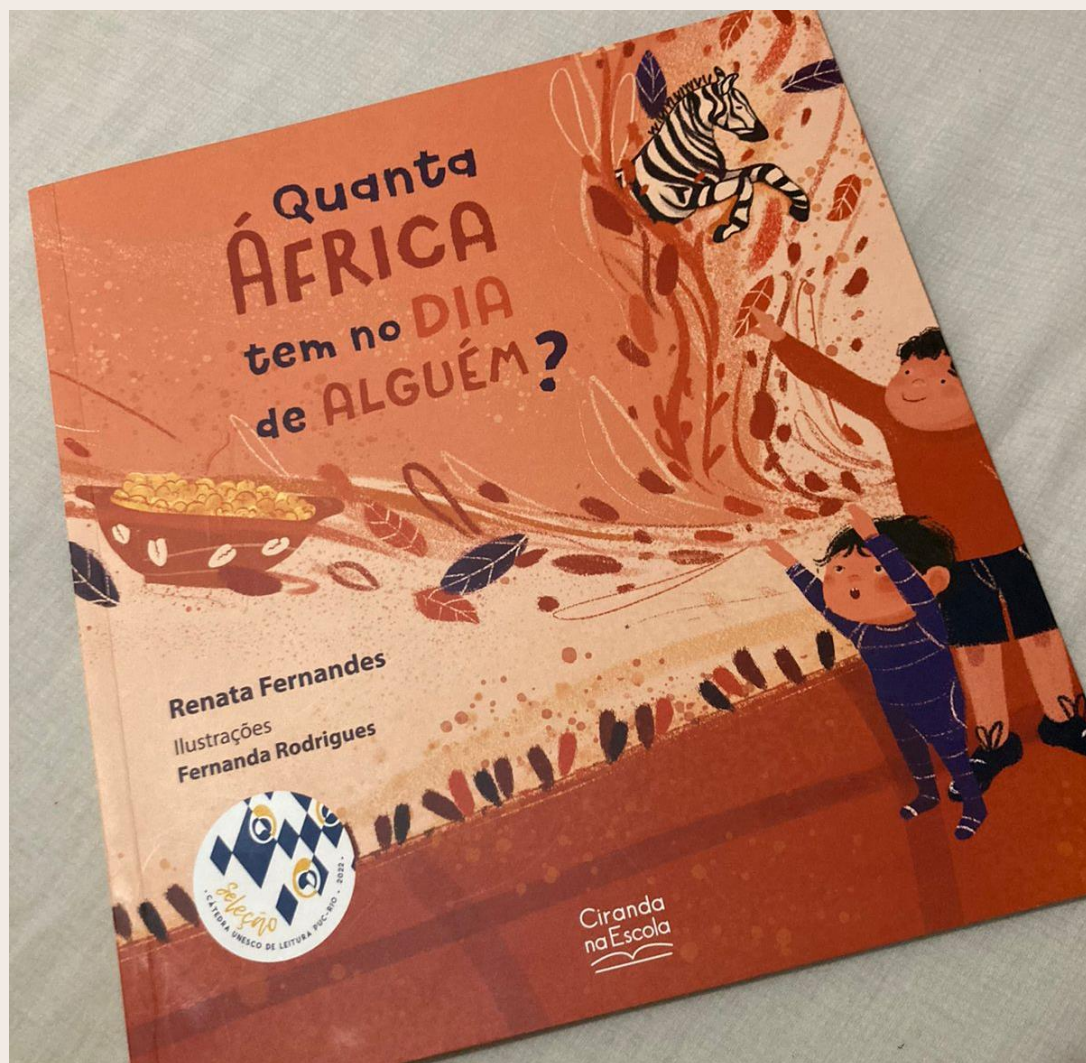
Após a realização da leitura, as crianças ficaram livres para observar o livro de pertinho, manuseando as folhas e tocando nas ilustrações. De fato, o momento favorito das crianças é a hora de poder analisar o livro com suas próprias mãos.



JUNQUEIRA, Sonia. **Hum, que gostoso!**. Ilustrado por Mariângela Haddad. Belo Horizonte: Atutêntica, 2013.

QUANTA ÁFRICA!

Nathalia Coimbra Lemons
Lara Martins



Esta leitura foi realizada na semana do dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Primeiramente, é importante destacar que a consciência negra e a valorização da cultura negra devem ocorrer durante o ano todo, de forma interdisciplinar, construído com a comunidade escolar.

Entendemos também que a literatura infantil com protagonistas negros ou indígenas como uma ferramenta antirracista desenvolve a representatividade, a desconstrução de estereótipos, a construção de identidade e o enriquecimento cultural.

Foi pensando nestas questões que escolhemos o livro *Quanta África tem no dia de alguém?* Escrito por Renata Fernandes e ilustrado por Fernanda Rodrigues (2022). O livro mostra as palavras com origem africana que fazem parte de nossa língua, como: bagunça, caçula, cochilo, muvuca e gangorra.

No final do livro, há um glossário com as palavras de origem africana. O livro possui um grande potencial tanto para crianças pequenas quanto para crianças maiores, até mesmo no ensino fundamental, na sala de aula ou fora dela. É um livro com lindas ilustrações e um bom enredo.

As crianças gostaram da leitura, e a todo momento questionávamos a eles se conheciam determinada palavra, discutindo sobre sua origem e significado.

Para encerrar o momento, cozinhamos cocadas, que é um doce típico brasileiro e chegou ao Brasil na Bahia, trazido pelos escravizados africanos.

O doce era preparado pelas mulheres para ser consumido pelos próprios escravizados durante à noite, quando se reuniam para dançar, como uma maneira de esquecer o sofrimento por alguns momentos.

A cocada também tem grande significado para a umbanda e o candomblé, religiões de matriz africana e está relacionada a Oxalá.

A receita foi adaptada para ser feita em sala com as crianças.

Lembre-se de conversar com a equipe da escola, antes de fazer qualquer atividade com alimentos, especialmente, açúcar.

FERNANDES, Renata. **Quanta África tem no dia de alguém?**

Ilustrado por Fernanda Rodrigues. São Paulo: Ciranda Cultural, 2022.

RECEITA DE COCADA DE COLHER



Ingredientes:

1 caixinha de leite condensado
200ml de leite de coco
200g de coco ralado

Modo de preparo:

Misturar todos os ingredientes



QUANTA CAIXA!

*Evelyn M. Pinheiro
Cristhielen Boeira Ribeiro*



Nem uma manhã chuvosa, fizemos a leitura do livro *O homem que amava caixas* para as turmas de maternal e berçário. O livro de Stephen Michael King fala sobre um homem que usa sua habilidade de construir objetos a partir de caixas para demonstrar seu amor ao filho.

Apesar de ser o mesmo livro, tivemos leituras diferentes. Na turma do berçário, sentamos em roda, como são bem pequenos, alguns ficaram no colo. No início, alguns choramingaram, mas os poucos a história se tornou interessante. As ilustrações chamaram a atenção, principalmente o cachorro que acompanhava o menino no decorrer da história.



Após a leitura, como é nossa prática, entregamos o livro para os bebês examinarem. Todos queriam mexer, folhar, tocar, e mostrar o que encontraram, um au-au, um neném e um papai.



Já na segunda leitura no maternal, logo de imediato as crianças já guardaram os brinquedos quando chegamos e se sentaram uma ao lado do outra prontas para ouvir a história,

Assim como no berçário, a curiosidade era maior do que a própria história contada. Elas questionavam as ilustrações: “O que é isso com ele?” e era o cachorro, “Ele fez um castelo?!”.

Ao final da leitura, entregamos o livro, que foi averiguado pelas crianças, retomaram as ilustrações, acontecimentos, e objetos que o homem havia construído.

Assim que todos já haviam tirado suas próprias conclusões sobre o livro, entregamos a eles algumas caixas, porque pudessem criar suas próprias construções, aviões, carros, casas...



É BOM SER DIFERENTE!

Luara Bianchini



O livro *Tudo bem ser diferente* de autoria de Todd Parr foi um sucesso com a turma do Pré1 A da EMEI Érico Veríssimo.

A história é realmente cativante, mas foi pela capa que os pequenos se sentiram ainda mais interessados. Quando perguntado acerca das percepções iniciais da ilustração, logo foram relacionando as caricaturas às próprias crianças da sala, mencionando ser parecido com um ou outra criança

Após o início da leitura os pequenos, além de superatentos, ainda foram compartilhando suas experiências vividas, suas semelhanças e diferenças entre os pares e também entre os familiares, juntamente com a repetição do verso marcante no livro “tudo bem ser diferente”, falado em coro por toda turma.

Ao final puderam valorizar ainda mais as diferenças físicas de cada e ainda as diferenças para além da aparência, destacando o que cada um tinha de potencialidades nas tarefas da escola ou nas brincadeiras.

As crianças falaram das diferenças que todos temos tanto fisicamente quanto internamente, pois somos todos únicos.



UTILIDADES DE UM PATINHO

Cristhielen Boeira Ribeiro



Nossas manhãs de sexta-feira sempre foram muito divertidas. O berçário A sempre nos recebeu com muito carinho e adoravam as nossas propostas.

Destaco a leitura do livro *Ter um patinho é útil*, pois as crianças participaram e interagiram conosco. O livro é escrito e ilustrado pela Isol, que é da Argentina.

As ilustrações deste livro são muito divertidas e chamaram bastante a atenção das crianças.

O livro narra como um garoto descobre as múltiplas utilidades de um patinho de borracha. Ele utiliza o pato para se balançar, o transforma em um chapéu para se proteger do sol, o utiliza como um apito para fazer barulho e até mesmo como um tampão para o ralo da banheira.

Essas diferentes maneiras de usar o patinho demonstram a inventividade e imaginação do menino ao encontrar novos usos para um objeto aparentemente simples.

Como o livro é do tipo sanfona do outro lado encontramos os usos que o patinho faz do menino. São duas histórias em um livro só, o que fez com que as crianças ficassem ainda mais interessadas na leitura.



MUITOS BICHOS COLORIDOS

Emyly Jordana Cunha Costa



Podemos compreender a importância da leitura desde a mais tenra idade. O contato com os livros desde a Educação Infantil possibilita experiências que contribuem para o desenvolvimento da criança.

O ato de sentir o livro, folhear as páginas, sentir o seu cheiro e explorá-lo de diversas maneiras é essencial para os pequenos.

Partindo desse princípio, em nossas intervenções sempre reservamos um espaço de tempo para o nosso momento de leitura.



O berçário BOB da EMEI Mário Osório Magalhães relembrou a colorida obra de Eric Carle: O artista que pintou um cavalo azul.

O livro expressa em suas páginas que as crianças podem e devem pintar de acordo com a sua imaginação e criatividade não levando em conta os estereótipos ou mesmo a “realidade”.

A obra nos faz refletir que todo indivíduo abriga dentro de si um artista capaz de criar suas próprias obras de arte.



Ao ler uma história para os pequenos do berçário, sempre procuramos narrar de forma cativante, com brincadeiras, gestos animados, variações nas vozes e expressões faciais distintas.

Tudo para garantir que esse instante seja envolvente e divertido. Enquanto exploravam o livro de Eric Carle, as crianças interagiam com a narrativa e com as ilustrações, expressando suas emoções e ansiando pelo desenrolar da próxima página.



CARLE, Eric. **O artista que pintou um cavalo azul**. Traduzido por Ricardo Barreiros. São Paulo: Callis, 2011.

ASSADO OU ASSIM?

Rayane Rodrigues Fritz



Eu e minha dupla sempre começamos nossas intervenções com uma contação de histórias e depois partimos para o momento no qual, a partir de brinquedos não brinquedos, as crianças podem explorar e brincar livremente.

No Maternal 2 nos organizamos sentados em um tapete no chão, para que assim ficássemos mais aconchegados e para que todas as crianças pudessem enxergar e ouvir melhor a história.

Fizemos a leitura do livro *Assim assado* da escritora e ilustradora Eva Furnari. O livro gerou muita curiosidade, fazendo com que as crianças chegassem cada vez mais perto. Em algumas páginas, as risadas compartilhadas eram tantas que demoramos para terminar a história. Ao final da leitura, o livro circulou para que pudesse ser explorado, assim, as crianças se juntaram e recontaram a história diversas vezes, sempre se divertindo com as imagens.

Após a contação, as crianças brincaram com brinquedos não brinquedos, que se transformaram fantasias coloridas, buscando imitar alguns personagens do livro lido.



UMA HISTÓRIA ESPINHUDA

Raquel Sanches



Nesse dia, utilizamos o livro da autora Janaina Tokitaka, *Pedro Vira Porco-Espinho*, que encantou a turma do Pré 1-A da EMEI Érico Veríssimo. O livro narra a história de Pedro, um garoto que, ao se sentir deslocado e incompreendido em seu ambiente escolar e familiar, deseja se tornar invisível. Porém, ao invés disso, ele se transforma em um porco-espinho.

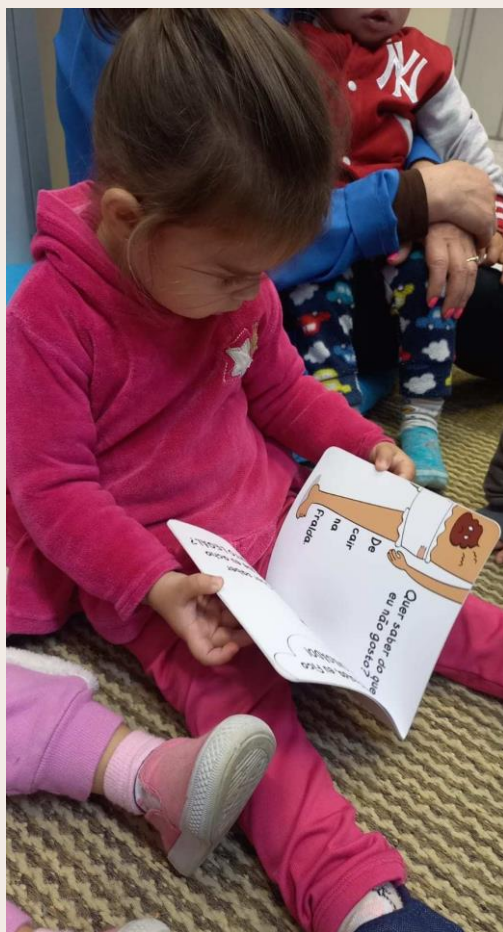
A partir dessa transformação, Pedro embarca em uma jornada de autoconhecimento e aceitação, enfrentando desafios e descobrindo a importância da amizade, da empatia e da aceitação de si mesmo.

Ao entrar em contato com essa leitura os pequenos se interessaram pela maneira como Pedro fica ao se estressar e que está tudo bem se sentir assim quando estamos incomodados. Muitos se identificaram com essa explosão de sentimentos que Pedro demonstra no decorrer da história. A leitura foi muito apreciada e os pequenos foram compartilhando suas experiências e sentimentos. Ao final puderam compreender sobre a importância de ser quem somos verdadeiramente, sobre identidade e aceitação das diferenças.



UMA HISTÓRIA SOBRE COCÔ

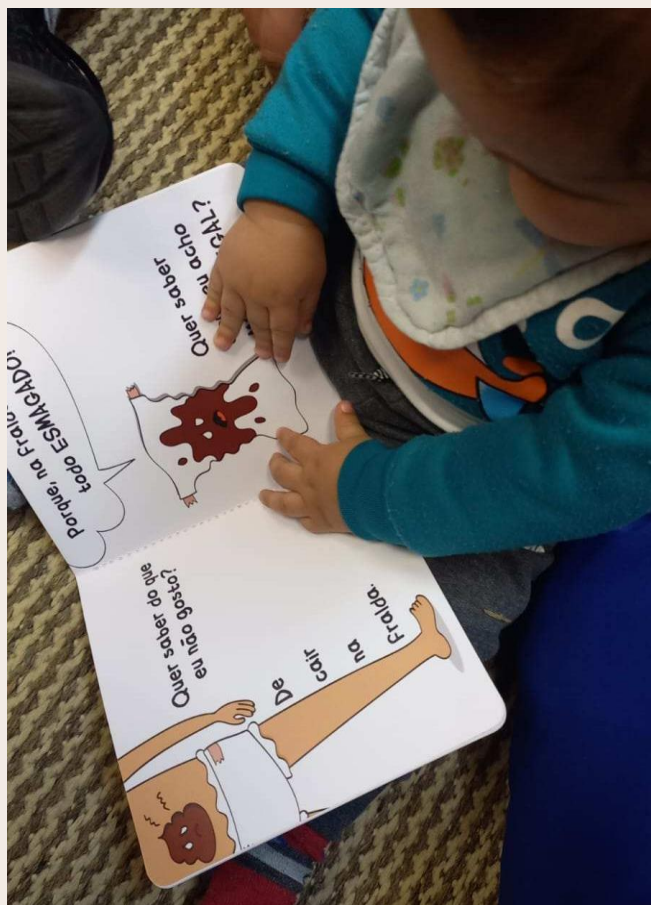
Cilara Braga Gregório



Em todas as nossas intervenções no decorrer do projeto, iniciarmos nossa intervenção sempre fazendo a leitura de um livro. Convidamos as crianças para se sentar ao chão e deixamos elas a vontade, se quiserem sentar ou ficar de pé para realizarmos a leitura.

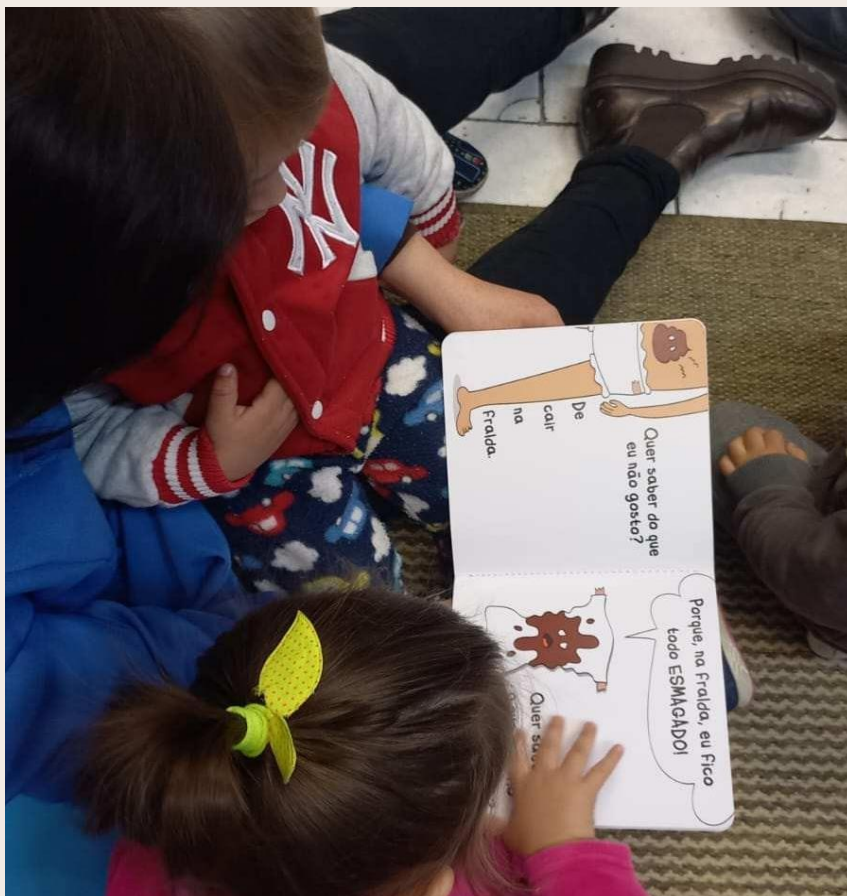
Então em uma manhã bastante agradável, os bebês do berçário BOB, da EMEI Mário Osório Magalhães conheceram a história *O cocô amigo*, da autora e ilustradora Mauren Veras.

Durante a leitura as crianças ficaram bem supressas com esse amigo diferente, pois como são menores não chegam a debater sobre o livro mas ficam atentas nas imagens coloridas e identificaram que o cocô fica dentro da fralda.



É interessante ressaltar o livro *O Amigo Cocô* como sendo um importante auxiliar no desfralde do bebê.

Após a leitura sempre tentamos deixar as crianças explorarem o livro com suas mãos. Um fato que chama a atenção é de que as crianças que são mais pequenas elas tem uma fascinação por pegar o livro e folhar. Observo que enquanto Aurora, que era uma das mais maiores da turma, vai folhando o livro e apontando para seu colega Valentim onde há cocô desenhado reproduzindo a leitura da história.



MINI- HISTÓRIAS



Pibid
NÚCLEO EDUCAÇÃO INFANTIL

MINI- HISTÓRIAS

As mini-histórias são uma forma de documentação pedagógica. Elas mostram parte do cotidiano das crianças na escola.

A professora utiliza texto e registros fotográficos para contar uma pequena passagem.

As mini-histórias geram lembranças, podem ser compartilhadas e são uma ótima forma de mostrar para as famílias o nosso trabalho.

**SOB LUZES BRILHANTES, EM CORES VIBRANTES,
DANÇAS QUE ENCANTAM EM FELICIDADES
CONSTANTES**

Sthefanie Lautenschlager Peverada



Na manhã de uma segunda-feira vibrante,
Maternais em ação, dança constante.
Música pulsante, ecoando na sala,
Balões coloridos, a festa se instala.

Danças e risos, alegrias se tecem,
Sorrisos brilhantes, momentos que aquecem.
Encerramento do ano, turmas reunidas,
Felicidade palpável, vidas coloridas.

Cada segundo, memória eternizada,
Na jornada escolar, alegria compartilhada.
Nossos corações, feito um livro a contar,
A história vivida, no encerrar.

As crianças agiram da forma como se sentiam livres,
fazendo aquilo que o corpo delas pedia no momento,
umas dançaram com os colegas, outras sozinhas,
outras deitaram-se no chão e ficaram observando as
luzes que refletiam no teto, outras ficaram jogando os
balões enquanto ouviam a música e outras
simplesmente ficaram paradas observando cada
detalhe do que acontecia ali.

Construindo Arte no Berçário

Os colegas Olivia, Caione, Catarina e Martin estavam todos muito animados com a ideia de compartilhar sua arte com a turma. Enquanto Olivia e Caione concentravam-se nas cores e nos detalhes, Martin e Catarina trabalhavam juntos em uma obra de arte em quatro mãos. As crianças mostrando atenção aos detalhes e harmonia de cores, transbordando energia e colaboração. A arte pode ser construída, compartilhada e apreciada por todos.



Emei Mário Osório Magalhães
Pibidianas : Fernanda Silveira e Gerusa Souza



Vanice Valim Garcia

Em uma bela manhã, as crianças adoraram brincar com os rolinhos de esticar (pop it).

O Miguel convidou a Manu para fazer um trem:

- *Manu vamos brincar de trem?*

Olha só dá pra fazer buzina.

Manu entusiasmada aceitou.

A Maria, olhando de longe a diversão deles, pegou um rolinho e foi fazer parte do trem com buzina. O trem gerou muitas risadas e diversão entre eles.

TELEFONE SEM FIO

Em uma manhã bem nublada levamos nossa proposta para que as crianças explorassem na rua, levamos os caninhos, os rolos e os limpadores de cachimbo.

Para nossa surpresa, após brincar de "sanfona", uma das meninas começou a abrir e juntar todos os caninhos e emendando um no outro, depois convidou a Prof Livia e a Prof Isadora para brincarem de "telefone sem fio." (brincadeira que nunca haviam feito e nem foi nomeada por eles)

LÍVIA OLIVEIRA DA ROSA



O MONSTRO VERDE E A EXPRESSÃO ESPANTADA

Kethlen Oliveira



Durante a intervenção, levei o *Vai Embora, Grande Monstro Verde*, de Ed Emberley, para compartilhar com as crianças a história.

Ao término da leitura, Alanis, curiosa, pediu para dar uma olhada no livro.

Ao abrir suas páginas, seu rosto se iluminou com uma expressão de surpresa adorável diante do monstro verde.



Uma foto espontânea capturou aquele momento encantador. A partir desse instante, ela ficou completamente envolvida com o livro, interagindo com a história e o monstro verde de forma cativante pelo restante da intervenção, mostrando o livro para os amigos e contando a história lida.



Em janeiro de 2024,
fizemos uma mostra de
mini-histórias no nosso
instagram:
@pibideduinfantil_ufpel.

Vale passar por lá para
conferir!

SERÁ QUE CABE?

COM OS ROLOS E OS CONES EM MÃOS, AS CRIANÇAS TENTAM COLOCAR DENTRO DOS ESPAÇOS REDONDOS AS BOLINHAS DE CROCHÊ DE DIFERENTES TAMANHOS.

AS MAIORES FICAM PRESAS NOS ESPAÇOS DOS CONES, AS CRIANÇAS LOGO PERCEBEM E ENTÃO COLOCAM APENAS AS BOLINHAS MENORES NOS BURACOS DE MENOR TAMANHO.

E ASSIM FAZEM COM AS BOLINHAS DE CROCHÊ MAIORES, COLOCANDO-AS NOS ROLOS QUE POSSUEM OS FUROS DE MAIOR TAMANHO.

RAFAELA LEMOS E GABRIELA NOVACK
EMEI MÁRIO OSÓRIO MAGALHÃES



AS LOUÇAS E O PÃO DE TORRE



Aurora e Talyssa brincam de cozinhar com as esponjas e as bolachas de madeira.

-Vou fazer um pão gigante! - diz Aurora.

-Isso, um pão de torre! - exclama Talyssa.

Após fazerem o pão gigante, Talyssa e Aurora lavam a louça:

-Essa louça tá muito suja! - diz Talyssa.

As duas meninas saboreiam o delicioso pão e iniciam uma nova receita na cozinha.



**Rafaela Lemos e Gabriela Novack
EMEI Mário Osório Magalhães**

Bolo de bolinhas



Após a leitura do livro "Bem lá no alto" da Susanne Straber as crianças brincaram com bolinhas e ao lembrar da leitura começaram a fazer de conta que as bolinhas eram bolos de diferentes sabores, cada cor era um sabor, como chocolate, laranja, morango, entre outros. Assim elas preparavam um pedaço de bolo para todos provarem um delicioso bolinho.

Rafaela Lemos e Gabriela Novack
E.M.E.I Mario Osório Magalhães



4- FANTASMAS!



NO DIA 26 DE OUTUBRO DE 2023, UM CLIMA FANTASMAGÓRICO ESTEVE NA TURMA DO PRÉ 2 C, NA EMEI ÉRICO VERÍSSIMO.

AS PROFESSORAS PIBIDIANAS OFERTARAM ÀS CRIANÇAS TECIDO DE TNT E...

DE REPENTE...

QUANDO NINGUÉM ESPERAVA...



A TURMA FOI RAPTADA E OS FANTASMAS TOMARAM CONTA DA SALA DE REFERÊNCIA!

OUVIMOS MUITOS GRITOS E OS FANTASMAS CORRERAM ATRÁS DE NÓS!

FICAMOS MUITO PRECUPADAS E NOS PERGUNTAMOS: "ONDE ESTÃO AS NOSSAS CRIANÇAS?".

ATÉ QUE OS FANTASMAS COMEÇARAM A REVELAR SUA VERDADEIRA IDENTIDADE: ERAM OS NOSSOS PEQUENOS, FANTASIADOS.

Mini-História



O Pente

Em uma determinada manhã, me deparei com a Olivia e o Benício passando alguns blocos de madeira com cuidado no cabelo de Isabella, os observei antes de perguntar do que se tratava, havia todo um cuidado deles dois com ela. Quando perguntei o que estavam fazendo para ter uma confirmação daquilo que já estava claro, me responderam que estavam usando aqueles pentes para pentear o cabelo da amiga, enquanto ela esperava ansiosa para ver o resultado.

Hellen Bichet Soares

Mini-Historia



Quer um pirulito?

Enquanto brincava com um grupo de crianças, Benício me surpreendeu quando perguntou se eu não queria um pouco do pirulito que tinha feito, ele equilibrava com cuidado uma peça de madeira sob um tubo de papelão, aceitei experimentar, depois disso ele partiu para oferecer aos colegas que participaram deste momento de descoberta dele e fizeram seus próprios pirulitos.

Hellen Bichet Soares

MINI-HISTÓRIAS

O LENÇO



Em uma determinada manhã de intervenção realizamos a leitura do livro: O lenço. Obra belíssima de Patrícia Auerbach. Neste livro, a menina usa o lenço de várias formas dando asas a sua imaginação. Após a leitura do livro, como de costume, há um espaço de tempo em que as crianças exploram o livro. Foi durante esse momento que realizei esse registro, onde Flora, assim como a menina do livro, está descobrindo esse objeto brincante e suas diversas finalidades.

EMLY J. CUNHA COSTA

MINI-HISTÓRIAS

AS TORRES QUE DESMORONAM



Durante uma manhã de intervenção, a proposta era a exploração dos blocos sensoriais translúcidos. Cada criança explorava os blocos de sua própria forma. Alguns observavam as cores e o mundo colorido ao seu redor, outros empilhavam e montavam muitas construções, mas algo chamou minha atenção. Aurora estava sentada com muitos blocos ao seu redor, ela construía suas torres e prédios e segundos depois, os derrubava. A brincadeira seguiu por muito tempo, inclusive, quando era possível, também desmoronava as construções alheias.

EMLY J. CUNHA COSTA

MINI-HISTÓRIAS

O BRACELETE DA NATUREZA



No dia 11 de outubro de 2023 (quarta-feira) a primavera floresceu mais uma vez no berçário BOB. A proposta foi confeccionar braceletes com fita adesiva e elementos da natureza. Então buscamos muitas flores coloridas, folhas secas e frescas, pedrinhas, pequenos ramos, plantas e sementes. Um fato curioso é que um menino ficou assustado com o barulho da fita adesiva e não sentiu-se confortável em confeccionar o bracelete, mas interagiu de outras formas explorando e descobrindo os elementos da natureza.

EMYLY J. CUNHA COSTA

veendo o berçário de uma nova ótica

Que as crianças têm uma visão de mundo diferente dos adultos é um fato, porém nesta manhã de primavera, mesmo o dia estando cinzento, Isabella resolveu inovar!

Enquanto os colegas construíam enormes edificações, ela resolveu que seria mais interessante colorir aquele espaço com seu binóculo mágico! Com ele era possível além de adicionar mais cor também ver o berçário de uma nova perspectiva, com bolinhas ou quadradinhos que haviam no binóculo. Ela chamou a prof. para lhe mostrar a novidade e ela, curiosa, foi logo espiando para ver o que estava do outro lado.

Bella, além de sorrir ainda mostrou apontando com os dedinhos que para além do que havia do outro lado ainda era possível olhar entre os buraquinhos.

Feliz com a descoberta a pequena também foi mostrar aos colegas que estavam ao seu redor, todos ficaram entusiasmados.



Luara Bianchini

Luara Bianchini

Dia de cabelereiro



Olá sou o Bryan e tenho uma história para contar a vocês.

No berçário tem sempre muitas brincadeiras, principalmente quando essas duas "pofs" chegam trazendo aquela bolsa preta gigante, a diversão está garantida.

Certo dia a prof. Luara veio ao meu salão, trouxe com ela a Estrelinha que estava meio amoadada, naquela manhã de terça feira.

A recebi muito bem e fui logo dando um jeito em seus cachos, eles estavam alvoroçados, fui logo vendo a textura e tocando para ver qual era a sensação, achei macio, porém um pouco enredado e com friz, ela deu algumas risadas mas ficou paradinha para que eu pudesse resolver aquela situação. Peguei meus acessórios para começar os trabalhos, fui penteando com cuidado do comprimento até a raiz, mesmo que as vezes dava alguns puxõezinhos era para desembaraçar tudo, em seguida fiz um baby-liss para controlar o frizz e ainda finalizei retocando sua maquiagem com blush nas bochechas.

A cliente não poderia sair de lá mais satisfeita, ficou tão feliz que me deu como pagamento um lanchinho, colo e tetê.



☀️ ☁️

Dia de



O Berçário A foi convidado a fazer uma visita no maternal 2A para uma brincadeira coletiva.

Visita

Tivemos pinturas com lápis de beterraba, vaquinhas no pasto de couve e até tartarugas no lago amarelo

Brincamos com os amigos e fizemos muita bagunça, compartilhamos momentos muito divertidos!!!



Berçário A
Evelyn e Cristhielen

VALENTINA e OS CDs



Valentina, 2 anos de idade, descobrindo as diferentes formas de brincar com os CDs, sentando em cima deles, olhando seu reflexo, até mesmo utilizou eles como um celular.



Valentina passou minutos observando a forma que seu reflexo ficava nas cores do CDs, e isso fez com que ela balançasse os objetos para que eles refletissem cores diferentes, explorando e conhecendo o novo.

Luiza Ribeiro

Ideias na manhã do Maternal 2

Nesta manhã Yaffa começou as suas preparações, iniciou pegando um porongo, um pedaço de tecido TNT e logo em seguida um cone.

De inicio ela conta que irá preparar um sorvete porque estava muito calor, mas em seguida encontrou um palito de picolé e virou um chimarrão depois de tomarmos muito chimarrão ela preparou um suco de uva para relaxar.



Gabriela Novack
EMEI Mário Ósorio Magalhães

Dia de Sol e Picolé!



Era um dia ensolarado e o berçário A decidiu que chamariam o sol Matias e comeriam picolés. Eram picolés de vários sabores, e chamaram muito o sol juntamente com Matias e logo após se deliciaram com os diversos picolés, compartilhando entre eles e também com as profs



Cristhielen Ribeiro



EU SOU UMA GALINHA!

Na primeira proposta que levamos, Lorenzo ficou fascinado pelas penas coloridas. Brincou por um longo tempo de jogá-las para cima, e rapidamente ficou com mãos e joelhos no chão, balançar a cabeça e dizer que era um cachorro bagunçeiro.

Depois de muito brincar assim, ele reuniu todas as penas e alguns limpadores de cachimbo, tentou equilibrar na cabeça da prof Isa, até que conseguiu seu objetivo e disse:

"Pronto prof!
Agora tu é uma galinha!"



A FAMÍLIA DAS CONCHAS

As conchas além de nos proporcionar ouvir "o som do mar e golfinhos", também é possível ser papai e filhinhos!

Em uma brincadeira inovadora, a concha maior é o pai de todas conchinhas pequenas, os filhos quando vão dormir ficam todos "dentro do abraço do papai" (sendo colocadas uma por uma, cuidadosamente, no lugar adequado e específico, as menores dentro da maior)

E, quando vão para a escola, é o momento do papai descansar, assim tirando todas as conchinhas de dentro, virando a maior para baixo, deixando o papai dormindo.

Assim, a brincadeira repete-se em colocar uma por uma dentro da concha maior, para depois retirar todas e começar tudo novamente. É como ter toda nossa família na palma da mão!



ISADORA SANTOS

O PEQUENO JARDINEIRO



Em um dia ensolarado, com o Maternal II, foram levadas para a intervenção algumas folhas e flores coletadas do chão, para as crianças explorarem a sua criatividade e fazerem variadas obras de arte ao colar esses elementos em folhas de ofício que estavam expostas na parede de maneira livre.

Mas aconteceu algo que chamou a atenção, pois enquanto os colegas do Levi estavam ocupados colando as flores em um papel, ele teve uma ideia diferente. Em vez de apenas colar a flor em um papel, ele decidiu tentar plantá-la novamente no chão do pátio da escola. Com muito cuidado, ele cavou um pequeno buraco e colocou a flor nesse buraquinho, e assim seguiu fazendo isso durante a manhã.

MICHELE HELENA SIEFERT



ESSA DANÇA EU QUERO DANÇAR

Márcia Eliane Oliveira



E frente ao espelho vou girar...


Habner dança em frente ao espelho, bate palmas e não para de girar, mas a música... essa só ele pode escutar




O RESGATE

Já pensou ficar presa e enrolada em uma cobra gigante e malvada?

Pois foi o que aconteceu com a Kemilly, a Maite e a Maria Eduarda, que juntamente com os tubos de plástico criaram uma cobra bem comprida ligando eles uns nos outros.



Quando a cobra já estava no tamanho adequado, Kemilly decidiu que o animal iria se enrolar na Maria Eduarda e assim ela deveria buscar uma maneira de escapar da serpente. Até que elas perceberam que estava muito complicado de se soltar e decidiram que precisavam se juntar para então conseguir soltar a amiga. E assim iniciou-se o resgate para salvar a Maria Eduarda da cobra enorme para poder continuar a próxima brincadeira.



Rayane Rodrigues Fritz

EMEI ÉRICO VERÍSSIMO





Dois Joaquims?

Em uma manhã de intervenção que levamos materiais de madeira, em um ato bem rápido observo Joaquim em frente ao espelho, na qual ele se depara com seu reflexo, que chama muito a sua atenção, com os objetos que ele tem em sua mão, ele olha para a suposta outra pessoa que está do outro lado e tenta dar comida a ela.

Não obtendo sucesso nessa tentativa, se afasta e observa o sujeito no espelho.

Cilara Braga Gregório

AS CAIXAS DE MADEIRA

Vitória Nunes dos Santos



Em uma manhã pibidiana, as crianças estão perto do tapete, a professora Vitória se aproxima e coloca no chão uma caixa com elementos naturais selecionados na própria escola.

Então, as crianças se aproximam para ver o que tem dentro da caixa e o João, em um primeiro momento, esvazia a caixa e decide sentar dentro dela.

Depois que ele sai da caixa, começa a selecionar as caixas menores e alguns toquinhos de madeira e os coloca dentro das caixas que separou. Por fim, João passa a testar essa sequência algumas vezes.





RELATOS

A seguir, apresentamos dois relatos de experiência que cobrem os três grandes níveis que atuamos na Educação Infantil: berçário, maternal e pré. As bolsistas detalham suas propostas e suas experiências.



RELATO 1

PRÁTICAS NO BERÇÁRIO E NO MATERNAL

Sthefanie Lautenschlager Peverada

Apresentação

O presente relato trata sobre minha experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), aqui está registrada toda minha trajetória no projeto, das reuniões entre o próprio grupo, as práticas no ambiente escolar com uma turma de berçário e outros dois maternais um, como também reflexões sobre esses dezoito meses de projeto. É importante destacar que quando eu entrei no projeto não tinha nenhuma experiência com a docência, no caso, o projeto que me possibilitou essa primeira experiência.

O PIBID foi de extrema importância na minha vida como futura pedagoga, pois por meio dele eu pude aperfeiçoar minhas práticas com as crianças. pude ter um novo olhar para as infâncias e principalmente, para a Educação Infantil, visto que antes de entrar no PIBID a minha visão de Educação com crianças bem pequenas e crianças pequenas era muito ligada ao somente cuidar, trocar fralda, alimentar, fazer dormir e brincar. Hoje percebo o quão há de Educação também nisso tudo, no fazer cotidiano.

Além disso, também pude perceber a importância de ofertar materiais diferentes para as crianças, sair do brinquedo pronto, para que elas mesmas possam criar suas brincadeiras. E a literatura infantil para as crianças desde o berçário como uma forma de trazer cada vez mais o contato com os livros desde a infância, formar cidadãos mais críticos, que se atentem para a literatura e que tenham amor pelas obras desde pequenas, formando assim uma comunidade de leitores.

Portanto, percebo as crianças como sujeitos de cultura, que têm suas características, que são capazes, que pensam e que criam hipóteses sobre tudo que as cerca e me percebo como um sujeito que está ali para potencializar as experiências das crianças, como alguém que vai proporcionar vivências para elas, vivências que possibilitem a criação, a criatividade, o pensamento, a elaboração de hipóteses, o respeito e o afeto. Me percebo como alguém que além de possibilitar também vivencia junto, que também se maravilha com as descobertas das crianças.



Caracterização

A Escola Municipal de Educação Infantil localiza-se no centro da cidade Pelotas, foi instalada nas dependências do Instituto São Benedito e apesar de ser uma escola de zona urbana atende crianças de diversos lugares, inclusive de bairros mais afastados. A comunidade que a frequenta também é diversificada, há famílias com mais vulnerabilidade socioeconômica e menor escolaridade e, outras com estabilidade econômica e nível de ensino superior.

A instituição atende crianças de zero a três anos, onze meses e vinte e nove dias (a creche), atualmente há 139 crianças divididas entre berçário e maternais em turno integral. Além da direção, a escola conta com 17 professores, 14 auxiliares da educação infantil, 3 merendeiras, 2 monitores, 1 secretária e 3 serventes.

As crianças são de diferentes lugares da cidade, há crianças de classes mais baixas e outras de classe média, tornando a comunidade escolar diversificada no que tange as condições econômicas das famílias. Há 43 crianças matriculadas nas turmas de berçário e 96 nos maternais. A diretora é a Ângela Haddad, a coordenadora pedagógica Tamires Silva e a orientadora educacional Diene Dornelles.



Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, a gestão tem como missão a descoberta do mundo por meio do movimento e das múltiplas linguagens, priorizando o tempo e espaço para brincar, acreditando numa infância que se sustenta no presente, com crianças potentes e que possam ser atuantes no processo inaugural de suas vidas, viver experimentações a partir de espaços preparados e materiais pensados a partir de suas necessidades. Ainda segundo o PPP, a escola tem como valor, desenvolver a capacidade de construção da criança de seu próprio conhecimento segundo princípios básicos, como: respeito, solidariedade, comprometimento e busca pela felicidade sendo este experimentado no presente.

Os espaços da escola são organizados da seguinte forma: sala de hora do conto (escuta, fala, pensamentos e imaginação), sala de música e movimento (corpo, gesto e movimentos), sala do brincar heurístico (espaços, tempos, quantidades, relações e transformações), sala de arte (traços, sons, cores e formas) e brinquedoteca (eu, o outro e o nós), ou seja, cada sala segue um dos campos de experiência da BNCC. Além disso, a escola também conta com o pátio, que tem uma baixa estrutura, sendo muito pequeno para acomodar mais que duas turmas, o refeitório com espaço para aproximadamente duas turmas ao mesmo tempo, e três banheiros. Não há sala específica para professores, somente para a gestão.

Como características do trabalho que realizei, cito a montagem de contextos para a Educação Infantil. Os contextos promovem vivências e descobertas para as crianças. Nesses contextos foram utilizados brinquedos não brinquedos, que são brinquedos que não foram feitos para serem brinquedos, são os materiais do nosso cotidiano, mas que pouco pensamos em ofertá-los para as crianças. Também fizemos o uso da literatura infantil com os bebês e as crianças bem pequenas, com o objetivo que elas pudessem ter mais contato com os livros desde cedo e desenvolvessem o gosto pela leitura.

Ademais, nossas reuniões na universidade foram dedicadas a estudos sobre esses temas. Como a montagem de ambientes para a infância, os brinquedos não brinquedos, a literatura infantil, as narrativas das crianças durante as brincadeiras e como trazer a arte de forma não convencional para a sala de referência com os bebês e as crianças bem pequena. Da mesma forma, como fazer mini-histórias das crianças, levando em consideração que elas são uma fonte de documentação pedagógica e que através delas tornamos visíveis as descobertas das crianças, protagonistas do seu aprendizado. Fizemos uma mostra de mini-histórias no Instagram do nosso PIBID.

Nos reunimos para compartilharmos nossas experiências na escola campo e conversarmos sobre ideias de práticas para serem realizadas. Por fim, também apresentamos trabalhos que se deleitavam nas temáticas abordadas acima, relatos de nossas práticas na escola, gravação de vídeos para a comunidade escolar, postagens semanais nas redes sociais, a apresentação na Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão na UFPel e no evento *Tem ciência preta aqui*, promovido pelo PROEDAI e MR – UFPreta.

Propostas com brinquedos não brinquedos no berçário

Em nossa primeira prática com o berçário C, optamos por levar o cesto dos tesouros, que é um cesto que comporta diversos materiais do cotidiano para as crianças experienciarem, como escova de cabelo, colher, esponja, bloco de notas, pedaço de tecido, pedaços de madeira, vidro (que não quebre fácil) e potes. Como trabalharíamos com brinquedos não estruturados em nossas práticas, achamos relevante começarmos com o cesto que comporta grande parte dos materiais que usaríamos no futuro.



Montamos vários contextos, que passo a destacar o uso dos materiais escolhidos: utilização de um tabuleiro sensorial feito com caixas de ovos grandes, rolos grandes com fitas, palitos e rolhas de vinho, diversas caixas de diferentes tamanhos, pedaços de espaguete de piscina cortados, limpadores de cachimbo, rolos de fitas vazios, pedaços de madeira, pratos de madeira, caninhos e rolos de papel, palitos de picolé, tampinhas, pinhas, potes e sementes apelidadas de orelhas de boi, blocos de encaixar e lego, blocos translúcidos que possibilitam ver o mundo de outras cores, argolas de crochê. Esses materiais foram utilizados para montagem de diferentes contextos, fazendo grupos de materiais diferentes e até mesmo de materiais parecidos, como um contexto somente de materiais de madeira, outro somente de caixas, mas também de materiais bem diferentes entre si, como potes e caixas, rolhas, palitos de picolé, caninhos, caixas de ovos, dentre outros.

É válido destacar que nessas práticas com os brinquedos não brinquedos, as crianças experienciaram suas características, levando à boca, cheirando, tocando, esfregando no corpo. Também tivemos alguns dias que os materiais não interessaram tanto às crianças, como o tabuleiro sensorial com caixas de ovos. Acreditamos que por ser uma de nossas primeiras práticas talvez as crianças não tivessem tanta confiança em nós para caminharem em cima nas caixas, que era nossa ideia original. Elas resignificaram o uso das caixas, colocando as tampinhas, que levamos junto no dia dentro delas.

Mediante todas essas práticas com brinquedos não brinquedos, pude perceber o quanto as crianças, mesmo que estejam no berçário, são capazes, criam hipóteses, pensam, dão utilidade e criam suas brincadeiras. Muitas vezes, os materiais que levávamos eram empilhados, colocados um dentro do outro e enfiados nos braços, comprovando que para fazerem isso, precisaram primeiro criar uma hipótese e testá-la, assim como na experimentação dos objetos, antes de levá-los a boca era necessário sentir a necessidade de conhecer aquilo que estava sendo proposto.

Além disso, o brincar com brinquedos não brinquedos propicia a interação entre as crianças. Mesmo que elas ainda não as verbalizem, elas se entendem pelo olhar e brincam por muito tempo. Aprendem também a trocar os materiais, e, por vezes, ressignificam o uso de um objeto que o outro estava utilizando de forma diferente. Ademais, enquanto observávamos as crianças e prestávamos atenção nos detalhes do que elas faziam, elas pareciam sentir mais segurança. E, por vezes, olhavam e pareciam querer nos contar do que estavam brincando, outras olham apenas para conferir se ainda estamos ali presentes para elas, como que buscando certa aprovação ou confirmação da nossa presença plena e nosso olhar atento.

Essa proposta com objetos do cotidiano desperta também a coragem em trocar as brincadeiras e materiais para recomeçar o brincar com novas experimentações. Por fim, considero promissora a ideia de utilizar os brinquedos não brinquedos nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, com grandes possibilidades de aprendizados para as crianças.

Propostas com arte no berçário

Como propostas relacionadas a arte com os bebês e as crianças bem pequenas, nós as utilizamos muitas vezes em conjunto com os brinquedos não brinquedos. Assim, disponibilizávamos os materiais de arte, como papel pardo, folhas, canetas, canetinha, giz e até mesmo carvão, em união dos brinquedos não estruturados, como rolos de papel higiênico, argolas e caixas. Com isso, as crianças tinham a possibilidade de escolher o que mais gostavam, claro, além de pintar os outros materiais trazidos, tendo uma maior exploração dos materiais, um maior envolvimento das crianças e o estímulo da criatividade em pensar: *o que eu posso fazer com isso?*. Percebemos então que elas tiveram muito mais interesse por aquilo que não é óbvio, nesse caso, o carvão.

Além disso, propomos o fazer massinha de modelar caseira em sala com as crianças. Considerando isso, pensamos que a arte já começou lá no fazer, no misturar a farinha com água, por exemplo. Algumas crianças se mostraram interessadas, já outras não gostaram da textura e preferiram fazer outra coisa ou apenas ficar olhando.

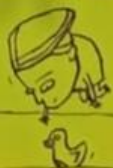
Quando a massinha já estava pronta, grande parte das crianças se mostrou interessada no brincar. Elas montaram bolinhos, casinhas, bolas e comidinhas. Importante destacar que nessa prática nós escolhemos levar mini-dinossauros para que as crianças pudessem utilizá-los junto da massinha, além de pratos, colheres e potes.

Foi, com certeza, uma das práticas que as crianças mais gostaram e aproveitaram bastante, fazendo assim suas criações, utilizando da imaginação, trabalhando o desenvolvimento motor e cognitivo e percebendo as diferentes formas de se fazer arte. Além disso, também aprendiam a dividir a massinha entre os colegas e o brincar em conjunto com os outros.

Como nossas práticas com a turma de berçário C estavam chegando ao final resolvemos fazer uma despedida com eles, para isso propomos uma festa. Eles adoraram, já tínhamos percebido o quanto alguns gostavam de dançar, quando a professora titular colocava música. Para termos um clima ainda mais de festa disponibilizamos caracteres de festa, como: travessas de cabelo, máscaras, colares e balões.

Nessa prática percebemos que as crianças se empolgaram e dançaram bastante, também chamaram as professoras para participarem colocando os adereços de festa nas adultas. As crianças dançaram e pularam bastante. Pareciam sentirem-se livres.

ENCONTREI
UM PATINHO
E O AZARREI.



Propostas com literatura no berçário

Antes de começar a falar sobre as literaturas usadas com os bebês e as crianças bem pequenas é importante destacar que todas as literaturas foram utilizadas junto dos brinquedos não brinquedos. Em algumas vezes fazíamos a leitura primeiro e às vezes optávamos por deixar para o final do nosso tempo de intervenção com as crianças. Às vezes é comum de se pensar: *para que ler para os bebês?, eles nem parecem prestar atenção e nem entendem o que se fala*. O que mais pude perceber através das práticas com a literatura na turma de berçário foi a interação que os bebês têm quando são apresentados a literatura desde cedo.

Tendo em vista a importância da literatura infantil na primeira infância para obtermos cidadãos mais críticos que tenham gosto pela leitura, consideramos de extrema importância o uso da literatura desde o berçário. Um dos primeiros livros que levamos foi o *Livro Clap* (Matoso, 2021). Esse livro explora os diferentes sons do cotidiano com os bebês e as crianças bem pequenas, é um livro animado, em que a professora vai fazendo os diferentes sons para as crianças. Esse foi um livro que repetimos mais de uma vez durante nossas práticas, devido à interação com as crianças, que sempre mostraram muito interesse nele e sempre ficavam repetindo os sons que eram trazidos na leitura.

Outro livro que utilizamos em nossas práticas foi *Chama o sol, Mathias!* (Rosa, 2022). Esse livro conta a história de um menino que queria muito o sol para poder ir à praia com a família. Além disso, ele traz relações de representatividade, já que o personagem principal, Mathias, é um menino negro. Através desse livro pude perceber um menino negro se reconhecendo fortemente nesse livro. Ele adorou o livro, ficava olhando e olhando, como se sentisse representado ali naquelas páginas. Além disso, depois do momento da leitura, uma das crianças ficou chamando o sol pela janela, o que mostra a interação que ela teve com a história lida.

O *homem que amava caixas* (King, 1997) também foi um livro que fez sucesso com as crianças. Nessa prática, começamos pela leitura do livro, que fala muito sobre diferentes formas de se demonstrar amor sem dizer, necessariamente, “eu te amo”. Para complementar a história, após a leitura disponibilizamos diversas caixas de diferentes tamanhos para as crianças e foi um sucesso. Elas amaram.

Também levamos *O monstro das cores* (Llenas, 2018), que trata sobre os diferentes sentimentos, ajudando as crianças a identificarem essas diferentes emoções. Com esse livro também pudemos perceber a interação das crianças, principalmente nas imagens do livro que chamam muita atenção. Após a leitura convidamos as crianças a refletirem sobre o que estavam sentindo no momento, questionando-as se estavam felizes, tristes, ou com raiva.

Ter um patinho é útil (Isol, 2018) também fez parte das nossas práticas com as crianças. O livro aponta as diferentes utilidades de um patinho e de um menino. O diferencial desse livro é que ele pode ser lido dos dois lados, um sendo a visão do patinho sobre o menino e outro sendo a visão da criança sobre o patinho. As crianças adoraram manusear esse livro, devido a seu formato sanfonado e as imagens que chamavam atenção.

Para finalizar, *O livro redondo* (Caulos, 2010) também trouxe o interesse das crianças. O livro traz diversas coisas que são redondas do nosso cotidiano. Além do próprio livro também ser redondo, o que chama ainda mais a atenção das crianças, que se mantiveram interessadas na leitura e gostaram de manusear o livro depois.



Propostas com brinquedos não brinquedos nos Maternais I

Em todas as nossas propostas para os maternais I foi utilizado os brinquedos não brinquedos, assim como na turma de berçário em que atuávamos antes. Montávamos contextos que uniam diversos brinquedos não estruturados, como potes de iogurte, palitos, cilindros, cestas, caixas de ovos, tampinhas, limpadores de cachimbo, latas, bolas de crochê, funis, kit construtor, peças geométricas de madeira, sementes de árvore, rolhas, espaguete de piscina, canos, pratos, fitas, colheres, garrafas. E, até mesmo em uma das nossas práticas, levamos o cesto dos tesouros e em outra montamos uma espécie de varal com folhas de papel toalha penduradas.

Além disso, é válido destacar que em algumas práticas também unimos os brinquedos não brinquedos com os brinquedos prontos, como os dinossauros, os jacarés e as lagartixas. Todos esses fizeram muito sucesso com as crianças, e a partir dos brinquedos que não são prontos as crianças faziam casas, comidas, garagens, camas e carros para os bichinhos que levávamos junto.

Para mim, o que mais pude notar de diferença em relação ao berçário é a criação das crianças. No berçário as crianças exploravam mais o toque, o cheiro, o sentir, tocar, esfregar e pensar “o que posso fazer com isso?”. Já nos maternais, percebi eles mais interessados em “que brincadeiras posso fazer com isso?”. Além de dar uma nova utilidade para as coisas, como, por exemplo, um pote virar um tambor, um espelho virar um telefone e um limpador de cachimbo virar um colar. A partir disso, pude perceber o quão criativas as crianças são, elas mesmas criavam suas brincadeiras, até mesmo nos convidavam para brincar com elas.





O brincar com brinquedos não brinquedos com as crianças maiores trouxe diversas brincadeiras criadas por elas mesmas, como fazer comidinha para os dinossauros, montar uma torre gigante, utilizar a escova do cesto dos tesouros para pentear o cabelo da professora pibidiana e fazer um penteado. Além de nos render inúmeras conversas no fazer cotidiano com as crianças. Percebemos, então, crianças protagonistas, que criam suas brincadeiras, que convidam os colegas para brincar junto, que criam as suas próprias regras do brincar, que pensam e que agem sobre o entorno, que têm sua própria cultura e que devem ser estimuladas a criarem e não a receberem tudo pronto dos adultos e feito por adultos.

Também é importante ressaltar que no início tivemos um pouco de dificuldade com as crianças devido à sala que ficávamos, que, anteriormente, era usada como uma sala “para tapar buraco”. Era lá que as crianças esperavam a próxima etapa da rotina, então corriam livremente, assistiam desenhos na televisão e escutavam músicas. Claro que esse não era o problema, o problema foi que as crianças associavam aquela sala somente a isso, nos pedindo diversas vezes para que a televisão fosse ligada e perguntando se podiam correr.

Propostas com arte para os Maternais I

Nossa primeira proposta envolvendo a Arte nos maternais 1 foi com papelões suspensos. E deixamos ao alcance das crianças diversos materiais para fazer registro nesses papelões suspensos, como lápis de cor, giz, canetinha e caneta. Elas parecem ter gostado e interagiram bastante com a proposta.

Em outra prática optamos por juntar os brinquedos não brinquedos com pinturas. De forma que cada um fizesse aquilo que mais gostava ou até mesmo unisse os dois. Para essa prática, nós montamos um contexto com diversos potes de diferentes tamanhos, além de folhas grossas e materiais de pintura, como lápis de cor, giz e canetinha. As crianças manifestaram-se interessadas, algumas preferiram brincar com uma coisa só, outras uniram os dois contextos e outras preferiram brincar com uma coisa de cada vez.

Propomos a utilização de massinha de modelar caseira com as crianças, como já havíamos feito com o berçário. É importante destacar que devido ao pouco tempo que tínhamos com cada turma não foi possível fazer a massinha com as crianças, assim como fizemos no berçário. Nesse caso, levamos a massinha já pronta e as crianças ressignificaram seu uso. Como já havíamos percebido, as crianças gostam muito de brincadeiras envolvendo comidas e como forma de dar uma nova utilidade para a massinha, elas criaram vários bolos e sorvetes e até mesmo cantaram vários parabéns. Também levamos vários brinquedos não brinquedos, como potes de diversos tamanhos, colheres e garfinhos e unimos isso com os moldes para massinha de modelar. Tendo em vista o quanto as crianças gostaram da massinha de modelar caseira, resolvemos levar ela de novo em nossa penúltima prática com eles. Levamos basicamente as mesmas coisas da primeira vez, a massinha e vários brinquedos não estruturados. As crianças fizeram várias comidas gostosas, como pizzas, bolos e sucos.

Para nossa última proposta com os maternais um tivemos a ideia de repetir o encerramento do berçário com uma festa. Levamos balões, montamos uma playlist com músicas infantis e ligamos um aparelho que projetava diversas luzes coloridas. A prática foi um sucesso, as crianças adoraram, dançaram bastante e até nos convidaram para dançar com elas, outras até mesmo deitaram no chão para, simplesmente, observar as luzes que refletiam no teto da sala referência.



Propostas de literatura nos Maternais I

Primeiramente, é importante destacar que, assim como no berçário, também aliamos as literaturas com o uso dos contextos de brinquedos não brinquedos que montávamos. Às vezes deixávamos a leitura para o final e em outras fazíamos no início, dependia do contexto que iria ser explorado. Percebemos que os livros de literatura infantil são de grande ganho para obtermos uma sociedade mais crítica e que tenha gosto pelo ato de ser leitor. Além disso, o livro também ajuda no desenvolvimento da linguagem das crianças, nas habilidades de pensamento, raciocínio, criatividade e criação de hipóteses.

Um dos primeiros livros que levamos para os maternais um foi *Elmer, o elefante xadrez* (MCKee,2009). O livro conta sobre um elefante que vive feliz entre os elefantes, mesmo sabendo que é diferente de todos eles. Levamos essa leitura porque já sabíamos que ele havia feito sucesso em outro momento naquelas turmas.

No início de nossas práticas com os maternais, as leituras ficavam meio bagunçadas, devido ao fato das crianças associarem o uso daquela sala com o fato de não fazer nada e apenas correr sem parar enquanto a televisão está no volume máximo. Além de não parecerem ser acostumados com o hábito da leitura. Com esse livro foi assim, poucos se manifestavam interessados.

Como segunda proposta de leitura, escolhemos *O livro da família* (Parr, 2003). Esse livro aborda as diferentes famílias, a adoção, as diferenças raciais, culturais e sociais. Desta vez já tivemos mais êxito em uma das turmas dos maternais, que manifestou mais interesse na leitura, já a outra permaneceu mais agitada.

Também propomos como leitura o livro *O tupi que você fala* (Fragata, 2015), que vai trazer palavras que são do nosso cotidiano e que vieram do tupi, fazendo as crianças perceberem o quão há da cultura indígena na nossa cultura também.

Em outra prática, levamos o livro *O monstro das cores* (Llenas, 2018). A história ajuda as crianças a identificar as diferentes emoções que sentem, como alegria, tristeza, raiva e medo. Diferente do berçário, esse livro parece não ter cativado muito os maternas.

Um dos primeiros livros que percebemos que as crianças estavam de fato interessadas foi *O artista que pintou um cavalo azul* (Carle, 2011). A leitura traz uma variedade de tons e cores para pintar os animais, deixando os desenhos mais criativos. As crianças se manifestaram bem interessadas, acreditamos que pode ser devido à riqueza de imagens que tinham no livro e, claro, a história que por algum motivo cativou elas. Foi com esse livro que pudemos ter uma ideia melhor de que tipo de livro as crianças gostavam e de que forma poderíamos propor uma leitura mais proveitosa para elas.

Outro livro que fez muito sucesso foi *Vai embora, grande monstro verde* (Emberley, 2009). As crianças adoraram ficar mandando o monstro embora, além de ficarem naquela sensação de “medo” enquanto as características do monstro iam aparecendo.

Cheirinho de neném (Santana, 2021) também foi uma das leituras que fizeram sucesso com os maternas. O livro conta sobre a chegada de um irmão na família e a questão do ciúme e o medo que os irmãos mais velhos sentem. Com essa leitura, vários se mostraram interessados e até mesmo nos contaram que tinham irmãos.

O livro *Pode pegar* (Tokitaka, 2017) também esteve presente em nossas manhãs com os maternas. O livro tem como personagens principais um coelhinho e uma coelhinha que trocam de roupa um com o outro, levantando questionamentos sobre o que faz uma roupa ser de menino ou de menina. Não tivemos muitas interações com esse livro, acreditamos que por ele ser longo e as crianças nesse dia estarem um pouco mais agitadas.



Já *Uma lagarta muito comilona* (Carle, 2011) fez os maternais refletirem sobre as quantidades de comidas que são ou não saudáveis, nos contando que quando comem muito eles também passam mal, assim como aconteceu com a história da lagarta do livro. Fizemos a leitura desse livro numa barraquinha que montamos para eles, o que fez a história ficar mais cativante ainda, além disso, depois eles manifestaram bastante interesse em pegar o livro para folheá-lo e contar a história do jeito que entenderam para os colegas.

Flávia e o bolo de chocolate (Leitão, 2022) com sua história sobre os questionamentos de Flávia sobre a sua pele marrom ser tão diferente da pele branquinha da mãe. A obra traz temas adoção e questões raciais de forma sensível para as crianças. Quando fizemos essa leitura, as crianças mostraram-se interessadas, prestaram atenção, e, depois, ficaram comparando as diferentes tonalidades de pele que existiam naquela sala entre a turma e as professoras.

Finalizamos nossas práticas em dezembro de 2023 com os maternais, com os livros *Muito cansado e bem acordado* (Strasser, 2017), que também fez as crianças criarem suas hipóteses e raciocínios sobre quem soltou o pum na hora de ir dormir. E lemos também *Amor, o coelho* (Carelli, 2021) nos mostrando que embora o Amor, que nesse caso era o coelho, colocava nossa paciência a prova, ele preenche nossas casas. O livro era um pouco extenso, o que parece ter dificultado a atenção das crianças.

Destaco que, no início as práticas com os maternais I e a literatura infantil foram um pouco conturbadas, mas com o decorrer do tempo as crianças foram se interessando mais pelas leituras, e nós, também fomos conhecendo os assuntos que as interessavam. Com isso, percebo que houve um progresso, progresso esse que foi lento e gradual, mas que com certeza valeu a pena.

Reflexões sobre a prática docente

Durante o tempo no qual atuei no Pibid me percebo como alguém que precisou se reinventar constantemente. Quando cheguei no projeto, eu tinha muitas crenças sobre a Educação Infantil, crenças essas quebradas no decorrer no tempo, e me possibilitou uma nova forma de ver o fazer docente com os bebês e as crianças bem pequenas. Me percebo como alguém que tem o dever de fazer com as crianças e não para as crianças. Uma professora que traz as crianças para o protagonismo, que vê o quanto elas são capazes. E que estou ali justamente para potencializar isso, através da montagem dos espaços, das brincadeiras, dos livros e do fazer cotidiano. Me percebo como uma professora que vivencia junto as descobertas das crianças, que se maravilha tanto como elas e não como alguém apar da situação.

A partir de todos os referenciais teóricos estudados durante o projeto, de todas as práticas e vivências na escola e dos trabalhos apresentados, percebo-me como alguém que vai continuar se reinventando dia após dia com as crianças. Uma professora que não pensa que já sabe tudo sobre as crianças, mas sim que tem gosto pela infância e suas descobertas e que busca conhecer mais sobre elas. Além disso, também vejo que se começarmos acreditando nas crianças, que elas são capazes e incentivarmos e darmos oportunidades para que elas se desenvolvam, mesmo que, minimamente, promoveremos um mundo melhor no futuro.

No âmbito da minha própria formação destaco como resultado uma nova forma de perceber os bebês e as crianças bem pequenas. Através do projeto pude perceber o quanto as crianças são capazes e nós, como professoras/es, temos o dever de impulsioná-las cada vez mais, possibilitando e dando acesso a vivências que vão trazer experiências para elas, com materiais que elas mesmas possam criar suas brincadeiras e pensar na utilidade que irão dar para eles.

Além da literatura infantil que percebi que impulsionou as crianças no amor pelos livros. Visto que antes elas não tinham muito contato, acredito que tornou elas mais reflexivas e questionadoras durante a leitura, assim como na manipulação dos livros e o olhar atento para as imagens dos livros infantis.

Ademais, percebo como ganho na minha formação a importância de viver o cotidiano com as crianças, e o quanto de educação há nesse fazer do dia a dia também. O que antes parecia somente o cuidar, agora vejo como uma forma de educar também. É no cotidiano que as crianças experienciam as coisas e nós, adultos, que somos apressados no tempo, temos o dever de vivenciarmos esse cotidiano com elas, de não considerarmos úteis somente os tempos marcados no plano de aula, mas sim a hora do lanche, a troca de fraldas e o almoço, por exemplo.

Com as leituras, feitas e estudadas no grande grupo de pibidianas e nas disciplinas que cursei nos primeiros quatro semestres também pude fazer uma melhor articulação entre tudo aquilo que vivenciei na escola. Uni na prática as teorias lidas e vice-versa. Aquilo que parecia ter um ar mais teórico, ganhou significado e um sentido maior para mim, visto que vivenciei no meu cotidiano.

Uma das maiores contribuições do projeto para minha formação e vida pessoal foi possibilitar ver as crianças da Educação Infantil de uma forma totalmente diferente, ver crianças que são capazes, que pensam, refletem, têm suas próprias opiniões, elaboram suas hipóteses e têm sua cultura, assim posso dizer que o projeto me trouxe uma nova forma de ver a primeira infância, forma essa que é totalmente oposta de uma criança passiva que só recebe aquilo que os adultos trazem.

Minha perspectiva sobre a profissão docente se fundamenta em um professor que possibilita novas vivências para as crianças, que confia nelas e em sua capacidade, que estuda sobre as infâncias e as crianças, que vê nelas capacidade suficiente e que entende que está ali para proporcionar ambientes para que elas possam se desenvolver.



As crianças merecem um espaço bem planejado, merecem ser acolhidas, merecem ter acesso a diferentes livros, merecem ter acesso a diferentes materiais para brincar, merecem respeito, merecem cuidado, merecem ser vistas como sujeitos de direitos e que são capazes.

Me dedico a essa formação não só porque gosto de crianças, pois entendo que só isso jamais seria suficiente, mas sim porque acredito em uma sociedade melhor. E percebo que para termos pessoas melhores precisamos começar a mudança lá no jeito que vemos a primeira infância, o modo como somos acolhidos nessa etapa da vida perdura em traços nossos por toda vida. Por isso, acredito que crianças que são cuidadas, valorizadas, que têm suas capacidades incentivadas são capazes de mudar a nossa sociedade no futuro.

Assim, é na infância que podemos pensar em adultos melhores, com mais respeito e ética pelo próximo. Se começarmos acreditando em crianças que são capazes e incentivarmos suas capacidades promoveremos, mesmo que, minimamente, um mundo melhor no futuro.

Referências

CARELLI, Rita. **Amor, o coelho**. São Paulo: O tal, 2021.

CARLE, Eric. **O artista que pintou um cavalo azul**. Traduzido por Ricardo Barreiros. São Paulo: Callis, 2011.

CARLE, Eric. **Uma lagarta muito comilona**. Rio de Janeiro: Callis, 2011.

CAULOS. **O livro redondo**. São Paulo: Rocco pequenos leitores, 2010.

EMBERLEY, Ed. **Vai embora, grande monstro verde!**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

FRAGATA, Claudio. **O tupi que você fala**. Ilustrado por Mauricio Negro. Rio de Janeiro: Globinho, 2015.

KING, Stephen Michael. **O homem que amava caixas**. Traduzido por Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

LANDO, Isa Mara. **O gato xadrez**. Ilustrado por Tatiana Paiva. São Paulo: Brinque-Book, 2012.

LEITÃO, Míriam. **Flávia e o bolo de chocolate**. Ilustrado por Bruna Assis Brasil. São Paulo: Rocco pequenos leitores, 2015.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

MATOSO, Madalena. **Livro clap**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

MCKEE, David. **Elmer, o elefante xadrez**. Traduzido por Monica Sthael. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MISENTA, Isol. **Ter um patinho é útil**. Traduzido por Emílio Faria. São Paulo: Sesi, 2018.

PARR, Todd. **O livro da família**. São Paulo: Panda Books, 2003.

SANTANA, Patrícia. **Cheirinho de neném**. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

STRASSER, Susanne. **Muito cansado e bem acordado**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2017.

TOKITAKA, Janaína. **Pode pegar!**. São Paulo: Boitatá, 2017.



RELATO 2: PRÁTICAS NO PRÉ

Isadora Cruz Santos dos Santos

Apresentação

O presente escrito foi desenvolvido como relato de experiência a partir das atividades práticas exercidas no Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid) Educação Infantil, da Faculdade de Educação (Fae), da Universidade Federal de Pelotas na turma do pré 2B na Escola Municipal de Educação Infantil Jacema Rodrigues Prestes. O objetivo deste texto é explorar as múltiplas facetas do brincar livre e sua contribuição para o desenvolvimento infantil.

Utilizando como elemento norteador essencial o livro *Brincando com Brinquedos não Brinquedos* (Ferreira et al, 2022). Além de diversos artigos que entendem a criança como “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (Finco, 2015, p. 235).



As práticas desenvolvidas visam demonstrar a demasiada importância da utilização do brincar livre e de objetos não estruturados (brinquedos não brinquedos) como contribuição para o desenvolvimento integral da criança.

Com isso, com a partir de entendimento criança como protagonista, da pedagogia da escuta, e dos direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e desenvolver-se, foram utilizados brinquedos não brinquedos (materiais não estruturados) que despertem o imaginário e promoção do pessoal social tanto de maneira individual como coletiva.

Para pensarmos juntas

Se o currículo na Educação Infantil pode ser entendido como o conjunto das práticas que articulam saberes e experiências com conhecimentos já existentes para promoção do desenvolvimento integral, podemos afirmar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2017) apresenta déficits. Nesse sentido, ao considerarmos uma pedagogia da infância que possibilite contextos educativos, tempos, espaços, materiais e relações entre os sujeitos, a BNCC, além de contribuir para o controle docente e discente, avaliações meritocráticas e unificação das diferenças, tampouco proporciona o desenvolvimento corporal, espiritual, sentimental e criativo nas crianças.

“Embora a BNCC (Brasil, 2017) destaque que o ritmo de cada criança deve ser levado em consideração, estabelecer listagens de objetivos pode tornar o currículo e o planejamento rígidos e inclusive estigmatizar crianças que não alcancem os resultados esperados com um "rótulo" de incapacidade.” (Silva; Carvalho, 2020, p. 6)



A infância é o momento da vida que, mesmo já estando dentro de um sistema que possui normas e regras, adequado e inadequado, ainda não temos consciência de toda essa normatividade. Dessa forma, as crianças ainda respiram maior liberdade, o que possibilita a expansão e amplitude de poder viver ao máximo, o poder do ser em toda sua magnitude, do explorar, da curiosidade, e de não estar emparedado por espaços físicos (e até mesmo mentais e emocionais). Por isso, devemos propor experiências adequadas, seguras, envolventes, divertidas e que despertem a curiosidade. Assim o brincar livre, sem tantas regras, inventado pelas crianças e sem interferência dos adultos estimula a curiosidade e o desejo de conhecimento. “Ver as coisas com outros olhos permite ficarmos cativados diante da sua existência, desejando conhecê-las pela primeira vez ou de novo” (L’Ecuyer, 2015, p. 31).



Considerações sobre as práticas pibidianas

Este relato de experiência dialoga com a Pedagogia da Infância, que possui como “objeto de preocupação a própria criança e seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais” (Rocha, 2001, p. 31).

Sendo assim, foi utilizado como instrumento principal a realização de intervenções pedagógicas, com caixas de ovos, bandejas, potes, rolos, latas, pedras, flores, conchas, pompons, caixas de papelão, caixas plásticas, entre outros materiais que visam a exploração de brinquedos não brinquedos e como essas descobertas desenvolvem inúmeras facetas das crianças.

As intervenções ocorreram todas às quartas-feiras durante 1 hora e 30 minutos na turma do pré 2B da Escola Municipal de Educação Infantil Jacema Rodrigues Prestes, localizada na cidade de Pelotas-RS.

Todas as intervenções foram antecedidas por leituras prévias para que haja a introdução das crianças no universo do letramento, da imaginação, da literatura e da fantasia. As crianças participavam ativamente da leitura, realizando comentários sobre a história ou ilustrações, além da exploração do livro apresentado. As professoras pibidianas eram direcionadas pelos interesses das crianças para definir os caminhos que os projetos de trabalho propostos iriam tomar. O princípio da prática docente considera a noção de interesse, no qual as crianças são a base das ações educativas, em torno das quais as propostas devem ser elaboradas e executadas (Carvalho; Guizzo, 2016).



Percebemos que o brincar é a força das culturas infantis e que as crianças exalam a necessidade do movimento como expansão do corpo e sua forma de expressão, explorando seu desenvolvimento. O potencial do aprendizado está dentro de cada indivíduo, defendendo a criança como o sujeito que deve ser olhado em sua própria perspectiva, ou seja, implicando em um olhar crítico para criança, tornando-a protagonista do seu desenvolvimento.

A pressa e a utilidade são armadilhas da lógica adulto-cêntrica. Mediante as intervenções pudemos perceber que a observação atenta e escuta sensível unida aos brinquedos não brinquedos são positivos para as infâncias. A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo “garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e interação com outras crianças” (Brasil, 2009).

Por meio das práticas, foi notada uma evidente melhoria na socialização, inclusão e atividades coletivas entre as crianças, além do entusiasmo e curiosidade para explorar os materiais selecionados para a proposta do dia. Nas crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista percebemos avanço em brincadeiras com os demais colegas, busca pela interação e aumento gradativo e significativo do contato físico e afetivo entre o restante da turma.

De modo que confirma a importância do brincar livre fazer-se presente no cotidiano da educação infantil, incentivando uma formação do indivíduo muito além dos conteúdos programáticos, mas uma educação que desenvolva o ser em sua totalidade. A importância do brincar livre no caso da inclusão de crianças acontece pelo autogerenciamento e autorregulação que acontece entre os parceiros de brincadeiras.



Para terminar este relato

A infância caracteriza-se pela alegria, convívio, interação, descoberta, exploração, brincadeira, desafios, pesquisas, desenvolvimento de hipóteses e conhecimento do mundo. Defende-se uma educação infantil que valorize as culturas infantis, considere os interesses das crianças, seus desejos e necessidades e não apenas programas desenvolvidos por adultos distantes do cotidiano das crianças e da turma. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil 2017), para a Educação Infantil, omite as diretrizes sobre o direito à convivência, ao interagir, à participação nas atividades diárias, à exploração e ao conhecimento do mundo; ao direito de brincar, ao direito de receber afeto e cuidados. Em vez disso, apresenta uma lista de conhecimentos e competências que devem ser ensinados e desenvolvidos dentro de faixas etárias definidas de forma arbitrária (Pereira, 2020).

As crianças se interessam em serem protagonistas dos processos que participam, sentem a necessidade de analisar a questão; ponderar sobre as necessidades, planejar, explorar opções, mensurar, conceber, estimar, modelar, criar, experimentar, avaliar, adaptar e destruir (Nicholson, 2009). Por isso, devemos evitar o excesso de regras e materiais prontos e específicos, pois estes contribuem para o distanciamento e diminuição da experimentação e exploração que envolve o brincar. Precisamos propor um espaço que considere as possíveis combinações e apresentações que os materiais podem proporcionar.

Referências

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CNE, 2017.

CARVALHO, Rodrigo Saballa; GUIZZO, Bianca Salazar. Interesse das crianças, pedagogia de projetos e metacognição: a arte de governar a docência na Educação Infantil. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 23, número especial, p. 212-226, set./dez. 2016.

FERREIRA, Anna Carolina; DANIEL, Camila, MALAVOLTA, Georgia de Almeida; SILVA, Marcelo Oliveira. **Brincando com brinquedos não brinquedos**. Porto Alegre: Bestiário, 2022.

FINCO, Daniela. Campos de experiência educativa e programação pedagógica na escola da infância. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro**. Campinas: Leitura Crítica, 2015, pp. 233-24.

LECUYER, Catherine. **Educar na curiosidade**. 3. ed. São Paulo: Fons Sapientiae, 2015.

NICHOLSON, Simon. The theory of loose parts. **Studies in Design Education Craft & Technology**, v. 4, n. 2, set. 2009.

PEREIRA, Fábio Hoffmann, Campos de experiências e a BNCC. **Zero-a-seis**, V. 22, n. 41. jan./jul.), 2020, p. 73-89.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pedagogia e a educação infantil**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 22, p. 27- 34, jan./abr. 2001.

SILVA, Marcelo Oliveira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Concepções sobre Currículo na Educação Infantil: ressonâncias da pedagogia da infância em narrativas de professoras. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n.2, p. 197- 514, maio/ago. 2020.



A person is holding a large funnel that is black on top and red on the bottom. The funnel is held vertically. The person is wearing a white sweater. In the background, there is a wooden floor with various colored pencils and markers scattered around. A person in a light blue hoodie is partially visible in the background. The text "HORA DE ENCERRAR" is overlaid in the center of the image.

HORA DE ENCERRAR

HORA DE ENCERRAR

Marcelo Oliveira da Silva

Para encerrar este livro repleto de vivências que as pibidianas tiveram com as crianças nas escolas que concordaram em participar desse programa que une o aprendizado da universidade com aquele que acontece no cotidiano das escolas, escrevo um texto bastante pessoal e reflexivo. Nós sabemos o que estamos fazendo, mas, de vez em quando, temos que demonstrar, provar, defender nossa forma de atuar com as crianças.

Acredito que seja importante retomarmos nossos princípios pedagógicos de ação com as crianças. Vejamos:

- a) o brincar livre com a menor intervenção dos adultos possível;
- b) brincar heurístico, permitindo que as crianças descubram por si mesmas;
- c) o brincar com brinquedos não brinquedos;
- d) o explorar a arte;
- e) brincar na e com a natureza.

Parece uma bagunça, mas afirmo para vocês que não é. Acredito na capacidade de autorregulação das crianças. Nossa regra essencial é não se machucar e não machucar os outros. E tem sido suficiente.

Que futuro é esse?

Estamos sempre educando as crianças para um futuro. Qual futuro? Para a próxima etapa da escola? Na educação infantil preparamos para o primeiro ano do ensino fundamental? No ensino fundamental I para a pluridocência do fundamental II? E assim por diante. Mas eu volto a perguntar: que futuro é esse?

Já é lugar comum falar na velocidade das mudanças na atualidade. Muitas vezes me parece que estamos “preparando” as crianças para uma sociedade de 20, 30 anos atrás. E como podemos prepará-las para o futuro? Talvez não possamos predizer que futuro é esse. Eu usei retroprojeto nos primeiros meses em que fui professor lá em 1997. Hoje tenho um retroprojeto que serve como brinquedo de luz e sombras. Quem diria que quase não teríamos mais jornais impressos em circulação? Pior que isso, como vamos forrar as superfícies sem os jornais velhos? Quem ainda carrega dinheiro físico na carteira? Quem ainda aluga filmes para ver durante o final de semana e devolve na segunda-feira na locadora do bairro? Viver é constantemente se adaptar. Cada época tem seus pontos negativos e, certamente, muitos positivos. Será que professoras e professores de adolescentes estão preparados para educarem youtubers, influencers, desenvolvedores de jogos?

Como podemos auxiliar as crianças em seu desenvolvimento? Essa talvez seja a pergunta que todas nós professoras e professores da educação infantil devemos nos fazer todos os dias antes de entrar na escola. Nosso papel é acompanhar seus desenvolvimentos e criar oportunidades para que elas sejam capazes de lidar com as mais variadas situações em suas vidas na infância, adolescência, adultez e velhice. O que aprendemos nos primeiros anos de nossas vidas fica conosco até o fim. Vestir-se, amarrar os calçados, escovar os dentes, comer, conviver, dividir, compartilhar, solucionar problemas e divergências. Muitas habilidades para pessoas com tão pouco tempo de vida.

Tudo isso para chegar em um ponto: será que a habilidade de pintar a letra “A” será tão importante assim no futuro próximo?; e no futuro distante?. O que está nos currículos das escolas, das universidades é uma garantia de sucesso? Nós temos uma ideia muito certa do que seja um adulto bem-sucedido, pois envolve ter uma profissão que seja reconhecida socialmente como “importante”, ganhar muito dinheiro e acumular muitos bens. Me parece que a realização pessoal e a felicidade não estão presentes nesse conceito.

Estamos vivendo em uma sociedade em que tudo deve ter um fim, deve ser aproveitado para algo, deve ser monetizado. Não aprendemos a bordar pelo prazer de fazer algo manual, temos que vender, ofertar, lucrar algo. A educação entra também nessa lógica. O que aprendo hoje na escola deve servir para alguma coisa no futuro, deve garantir algum benefício que possa ser transformado em sucesso, empregabilidade ou lucro. Essa é uma lógica perversa que nos tira a todos o prazer de desfrutar. Nos sentimos culpadas e culpados se passamos algumas horas sem fazer nada, sem celular, sem redes sociais. Estamos cansados em uma sociedade cansada.

Confesso que comecei a escrever esse texto em um domingo cinzento de outono, em vez de estar descansando, contemplando algo belo, lendo pelo prazer de ler um bom livro.

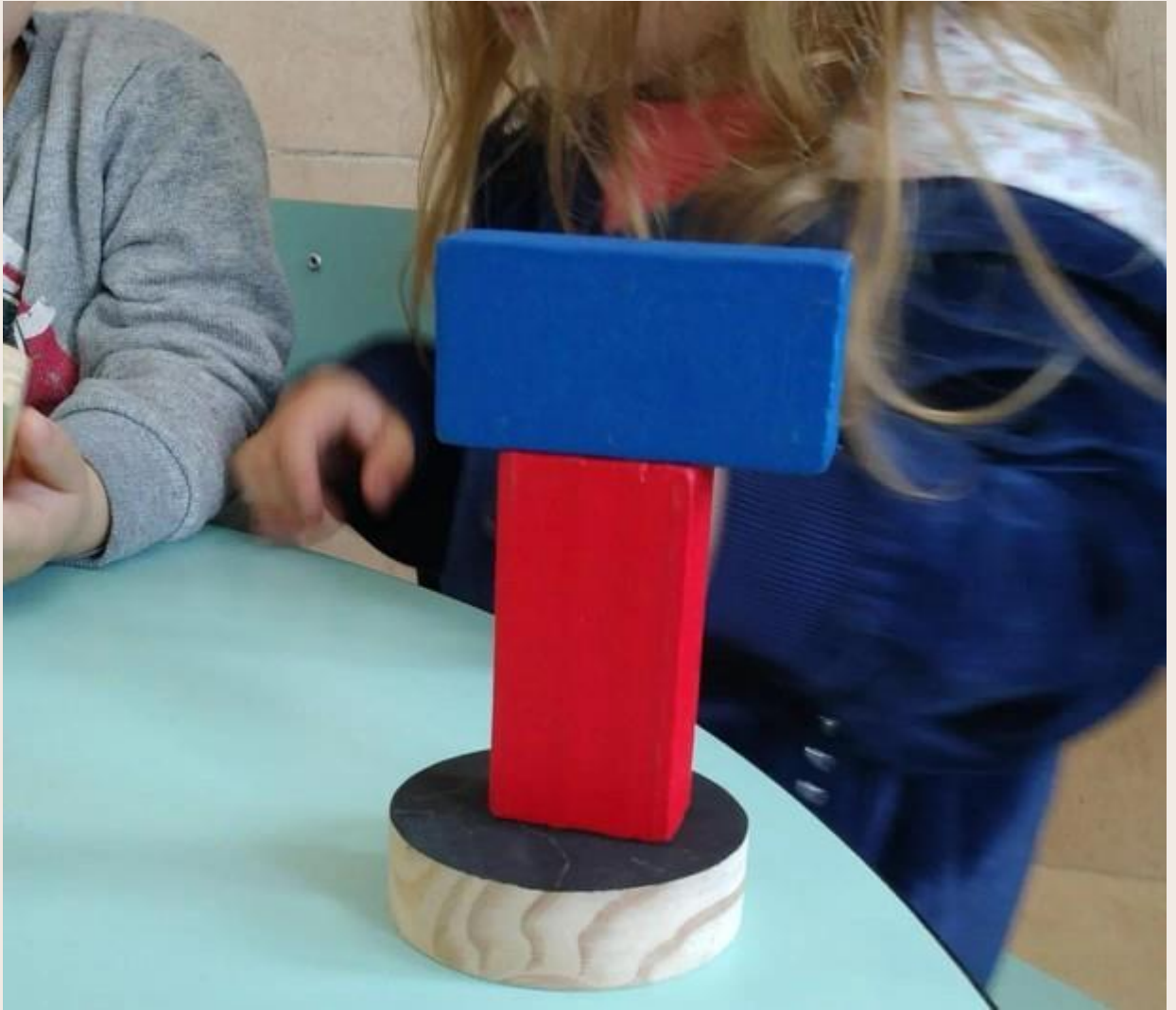


Um pouco sobre os brinquedos não brinquedos

Acredito que você leitora e leitor já saibam o que são brinquedos não brinquedos. Esse é um nome que tenho utilizado para descrever uma série de materiais que não possuem a finalidade de serem brinquedos, como aqueles que a indústria produz. Os brinquedos não brinquedos são conchas, pedras, folhas, embalagens, pedaços de madeira, botões, tecidos, materiais dos mais variados que nós adultos utilizamos no nosso cotidiano. Tenho trabalhado com os brinquedos não brinquedos com minhas alunas, bolsistas e estagiárias. E posso afirmar que tem sido um ótimo aprendizado e uma baita (como dizemos aqui no Sul) experiência para elas. Indico a leitura do nosso livro *Brincando com brinquedos não brinquedos* (Anna Carolina Ferreira; Camila Daniel; Georgia Malavolta; Marcelo Oliveira da Silva, 2022).

Não é brincar com lixo, com sucata ou com uma montanha de porcarias. Os brinquedos não brinquedos trazem possibilidades imensas de ressignificação pela sua característica de serem materiais abertos. Materiais de cozinha de verdade – colheres, potes, tigelas, mexedores, formas – vão ser sempre mais interessantes e ter mais possibilidades que uma cozinha de plástico rosa forte. Acrescente a esses utensílios de cozinha, algumas sementes, terra, areia, folhas e teremos uma sequência de iguarias que podem tanto “alimentar” a boneca quanto as professoras.

Unimos também brinquedos comprados com os brinquedos não brinquedos. Dinossauros podem ser alimentados, postos para dormir e conviver em um parque construído com pedacinhos de madeira, tampinhas e outras embalagens. Com as bolsistas pibidianas vimos uma embalagem de amaciante se transformar em jarra de suco a ser degustado por todos em uma guitarra elétrica. As crianças contam, seriam, empilham, derrubam, constroem, encaixam, aprendem o que cabe dentro, o que é o maior, o menor, exercitam as cores, apreciam texturas, conhecem o peso e as propriedades de cada material.



Em defesa do brincar com brinquedos não brinquedos

Já aconteceu algumas vezes de eu ter que responder as mais variadas perguntas sobre como oriento o trabalho das minhas alunas na educação infantil. Em geral, querem saber a mesma coisa: quais vantagens em se brincar com brinquedos não brinquedos? Algumas vezes a pergunta vem mais polida outras vezes debochada ou desdenhosa.

Vou tentar relatar algumas dessas vantagens, habilidades e aprendizados que as crianças desenvolvem partindo de um brincar livre com materiais abertos.

Gostaria de começar com o **autoconhecimento** e **conhecimento do mundo**. As crianças estão há muito menos tempo que a gente neste mundo e, portanto, estão descobrindo suas coisas, suas leis, suas particularidades. Embora, eu acredite que estejamos sempre nesse processo. Ao mesmo tempo que descobrem o mundo, elas estão se constituindo como seres humanos, descobrindo o que gostam, o que não gostam, o que podem fazer e o que ainda não conseguem. No brincar com brinquedos não brinquedos cada criança o faz do seu jeito. Cada uma delas descobre suas fortalezas, seus desejos, sua criatividade, que áreas precisa ainda desenvolver. Esse autoconhecimento é essencial para a vida adulta.

No brincar com brinquedos não brinquedos não há certo ou errado. Há o brincar e aceitação por nossa parte do que as crianças estão fazendo. Amor e aceitação são fundamentais nesse processo de construção da personalidade. Descobrir as propriedades, as texturas, o peso, o sabor, as possibilidades das coisas fazem parte da infância e devemos levar isso em conta ao promover experiências. Quanto mais você sabe sobre você mesma, mais facilmente você se adaptará às mudanças que ocorrem na sua vida. Podemos falar em desenvolvimento de **resiliência**, entendida como a capacidade de adaptação às adversidades e às mudanças.

Seguindo nessa linha, a própria **inclusão** está favorecida. Tendo em vista que cada criança brincará de acordo com as suas próprias culturas, habilidades e vontades. Desafio a vocês entrarem em uma sala na qual as crianças estejam com brinquedos não brinquedos criando, brincando, se divertindo e consiga identificar qual delas possui laudo. Notem que vai ser sempre um adulto a dizer que tal criança é um caso perdido, tem laudo, ou não tem laudo ainda, nem vale perder o seu tempo com ela. Jamais uma criança vai dizer ou inferir isso de outra criança. Temos aprendido muito sobre as crianças com deficiência convivendo, percebendo e brincando com elas.

Nesse brincar, as crianças estabelecem **conexões**, são capazes de se **comunicar** e de **colaborar** entre si, habilidades que serão essenciais quando se tornarem pessoas adultas. A partir de conexões saudáveis entre as crianças e das crianças com os adultos, elas entendem seu valor individual e na comunidade da qual fazem parte. Muito tem se falado sobre bullying e toxidade das relações, pois nossa ideia é justamente o contrário: comunicação entre as pessoas, sobre os sentimentos, relações saudáveis, pertencimento ao grupo, desenvolvimento de amizade, amor e carinho. Valorizar os colegas pelo que eles são e representam e sentir-se valorizado por quem a criança é, gerando um ambiente permeado pela empatia.

Outra grande questão é o **controle motor**. As crianças criam cidades, castelos, casas, comidinhas e tantas outras coisas. Elas empilham, equilibram, agrupam, organizam, dispõem, inserem objetos, cavam, sacodem, chacoalham, arremessam, abrem e fecham tampas. Para que isso aconteça é necessária uma grande destreza. Para nós adultos parecem coisas muito simples, mas desde o ponto de vista do desenvolvimento motor são coisas excepcionais. Se alguma de vocês já quebrou algum membro e teve que aprender a fazer tudo de forma diferente por um tempo, sabe bem do que estou falando mesmo sem ter estudado profundamente sobre desenvolvimento infantil.

As crianças ao brincarem com brinquedos não brinquedos estão em pleno **processo criativo** e dominam sua **criatividade**. Nos é exigido que sejamos professoras e professores criativos. Temos mil sites com muito mais de mil ideias para fazer coisas para as crianças. Defendo que façamos coisas com as crianças e não para elas. Quando as crianças detêm o controle de seus impulsos criativos, esses impulsos podem seguir seu curso livremente. Não vamos pegar uma caixa de leite e todas as crianças vão fazer o mesmo foguete. Vamos proporcionar muitas caixas de leite e ver o que as crianças criam a partir delas. Talvez elas precisem de nossa ajuda. Esse processo criativo não está vinculado a um produto, a algo que as crianças vão levar para casa e mostrar para os familiares.

Quando as crianças brincam com brinquedos não brinquedos percebemos que são criativas, que tem desejo de inventar seus mundos. A criatividade não está relacionada a genialidade. Criatividade é um processo de criar coisas novas, novas conexões, novos entendimentos sobre coisas que já existem. Ser criativo não é inventar novamente a roda, mas usar a roda de outra forma que não havia sido usada ainda. Devido às mudanças rápidas do nosso mundo contemporâneo cada vez mais temos que estar aptos a solucionar problemas. Dessa forma, esse tipo de brincar tem íntima relação com um **pensamento inovador**, com a **curiosidade**, com a **descoberta**, com a **pesquisa**, aspectos desejados em nossa sociedade.

Podemos também falar em **comprometimento**. As crianças quando estão brincando e criando estão concentradas, focadas, são cientistas, experimentam, testam. Percebemos isso claramente ao comparar uma brincadeira com brinquedos tradicionais com uma com brinquedos não brinquedos. O tempo de brincadeira, a concentração e o poder de estar centrado, presente, envolvido, comprometido com aquele experimento é perceptivelmente maior e mais intenso do que quando ofertamos brinquedos que têm apenas uma função ou quanto fazemos atividades que todos devem chegar ao mesmo resultado.

Para finalizar, a brincadeira com brinquedos não brinquedos envolve **liderança**. Entretanto, não aquela liderança autoritária que obriga os outros a serem seus subordinados. Entendemos a liderança aqui como o desejo e a capacidade de promover justiça social, defender direitos econômicos, civis e políticos, valorizar as culturas, o meio ambiente, os recursos, ter a mente aberta, praticar o altruísmo e a sustentabilidade a partir de uma visão global. Temos percebido um mundo cada vez mais diverso e ter a habilidade de se comunicar e poder contribuir com várias pessoas é uma necessidade. Ser um líder envolve, além da capacidade de se comunicar e ter uma visão inclusiva, saber resolver problemas de forma criativa, ter autoconfiança, saber colaborar e trabalhar com os outros e, ao mesmo tempo, ter a autonomia bem desenvolvida. Todas essas características são desenvolvidas com a brincadeira.



Agora para encerrar de verdade

Depois de conhecer sobre as experiências, propostas e visões da infância das bolsistas pibidianas, resta encerrar esta obra retomando os proveitos do fazer pedagógico que defendemos. Em síntese, podemos afirmar que as crianças estão:

- a) desenvolvendo competências (saber fazer, colaborar, comunicar, coordenação motora, pensamento crítico, investigar, escutar, resolver problemas, avaliando e se perguntando);
- b) aprendendo ativamente (com corpo, mente e alma);
- c) desenvolvendo o emocional (processando suas angústias, preocupações, desejos e medos em um ambiente seguro);
- d) desenvolvendo o social (interação com os pares, criando amizades, colaborando, tendo empatia, dividindo, se preocupando com o bem-estar dos demais, conhecendo os seus limites e o dos outros, construindo juntos em um ambiente amoroso e solidário);
- e) desenvolvendo o pensamento simbólico;
- f) entendendo causa e efeito (fazendo conexões e descobrindo como as coisas funcionam);
- g) entendendo o espaço (como as pessoas e objetos ocupam, se movimentam e usam o espaço);
- h) desenvolvendo o físico (motricidade);
- i) desenvolvendo a linguagem, a comunicação, a escuta e a representação simbólica;
- j) desenvolvendo o pensamento lógico matemático (aquisição do número, quantidades, classificação, tamanho, ordem, seriação, medidas).

Espero ter juntado aqui alguns argumentos para que possamos defender o brincar livre, heurístico, na e com a natureza e com brinquedos não brinquedos. A palavra-chave deste processo é autonomia.

Referência

FERREIRA, Anna Carolina; DANIEL, Camila, MALAVOLTA, Georgia de Almeida; SILVA, Marcelo Oliveira. **Brincando com brinquedos não brinquedos.** Porto Alegre: Bestiário, 2022.





QUANDO TERÁ SIDO O ÓBVIO

Acabou-se de compor
em *Alegreya* e **Century Gothic**.

Pelotas, outono de 2024.

Copyright © 2024
das autoras.

